

# HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE A ESCOLA PATAXÓ NA ALDEIA BOCA DA MATA



AWĀKĀP ŪG ĀBAKOHÁY  
ÚPĀ KIJ ĒTXAWÊ PATAXÓ  
UĨ PATAXI ĀGTAY ÚPĀ ĪBÁ



2021



## Sobre a autoria do trabalho

Este material apresenta os relatos e depoimentos que narram a trajetória da Escola Indígena Pataxó de Boca da Mata. Eles aconteceram durante uma *Oficina sobre o Estudo do Meio* que abordou o tema das escolas na comunidade. A atividade foi realizada numa manhã de sábado, no dia 26 de outubro de 2019 e foi mediada pelo professor Álamo Gonçalves Pimentel, da Universidade Federal do Sul da Bahia. A oficina integrou o *Ciclo de Estudos e Oficinas Interculturais em Educação Escolar Indígena*, um curso de extensão realizado entre os anos de 2019 e 2021, proposto junto à comunidade por Alexandre Capatto (doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da UFSB), em parceria com o professor e coordenador do curso, Pablo Antunha Barbosa (UFSB).

A construção deste material é resultado do trabalho colaborativo entre os proponentes da oficina e os seguintes professores, funcionários e ex-estudantes indígenas da Escola Pataxó de Boca da Mata:

JOSÉ RAIMUNDO SANTANA (PATXYÓ)	Professor
JOVINO DE JESUS PONÇADA	Diretor
JULIANA DA CONCEIÇÃO SANTANA	Coordenadora do Ensino Infantil e Fundamental I
EVANETE SANTOS OLIVEIRA	Professora
EDIMARCOS PONÇADA SANTANA	Professor
LUCIANA SANTOS SILVA	Professora
JOSEANE PONÇADA SANTANA	Professora
ATXUAB (RENATO FARIAS DE JESUS)	Cacique
EKTANAY (SEBASTIANA PONÇADA SANTANA)	Professora
NYOMAKTXI PATAXÓ (ROMÁRIO FARIAS DO NASCIMENTO)	Professor
SIMONE FARIAS DE JESUS	Professora
DIONE ALVES FERREIRA	Professor
MÔNICA FARIAS DE JESUS	Professora
XIHÏTÚ PATAXÓ (RONALDO FARIAS DO NASCIMENTO)	Professor
KALEBY FARIAS DE JESUS	Professor
SAIARA NASCIMENTO DA CONCEIÇÃO	Graduanda pelo FIEI/UFMG
ITAINARA RIBEIRO DE SOUZA	Ex-aluna da escola

O trabalho foi transcrito e editado por Alexandre Capatto entre os anos de 2020 e 2021  
Título em PATXÔHÃ por Nyomaktxi Pataxó



## SUMÁRIO

<b>Apresentação</b> .....	i
---------------------------	---

### **Parte 1. FALAS E CONVERSAS SOBRE AS ESCOLAS E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA PATAXÓ DE BOCA DA MATA.** .....01

#### 1.1 NA PRIMEIRA ESCOLA

*A escola de taipa, construída pela comunidade lá no seu Tibúrcio em 1982.*..... 01

*A escola improvisada na casa de Seu Pedro Chiquinho, onde João Duro ensinou em 1987.*..... 06

*O lugar do antigo postinho de saúde, que serviu provisoriamente de escola para a comunidade.*..... 11

#### 1.2 NA SEGUNDA ESCOLA

*A escola de tábuas, construída pela Funai em 1989 e a sala de aula improvisada na antiga igreja.*..... 13

#### 1.3 NA TERCEIRA ESCOLA

*A faculdade, construída pela comunidade ao lado da casa de seu Patxyó em 1996.*.....18

#### 1.4 NA QUARTA ESCOLA

*A escola lá debaixo, construída pelo município em 1998.*..... 21

#### 1.5 NA QUINTA ESCOLA

*A escola lá de cima, a escola grande construída pelo estado em parceria com o governo federal em 2002 e o anexo construído pela comunidade em 2014.*..... 25

### **Parte 2 - TEMAS E DEBATES SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA EM BOCA DA MATA**

2.1 Educação indígena e ensino diferenciado ..... 33

2.2 Do ensino multisseriado ao ensino seriado e o a formação de professores na comunidade..... 36

2.3 Escassez de recursos, superação e enfrentamento na construção da Educação Escolar Indígena na comunidade ..... 37

2.4 Escola e Território ..... 38

2.5 Das escolas às Universidades: fortalecer o presente com a memória do passado ..... 39

## ANEXOS

A) RELATO ESCRITO PELA PROFESSORA IRENE, QUE ATUOU NA ESCOLA EM BOCA DA MATA ENTRE OS ANOS DE 1984 E 1987, PELA FUNAI

B) MAPA DAS ESCOLAS EM BOCA DA MATA

C) IMAGEM: OS ARREDORES DA ESCOLA ATUAL EM 2006

D) IMAGEM: OS ARREDORES DA ESCOLA ATUAL EM 2019

E) A PRIMEIRA E A SEGUNDA TURMA DO MAGISTÉRIO INDÍGENA NA BAHIA

F) RECORDAÇÕES ESCOLA BARRA VELHA





## Apresentação

Este trabalho é composto por duas partes. Na primeira, temos as falas e depoimentos de professores, funcionários, alunos e outros colaboradores, que fazem parte da trajetória da Escola Indígena Pataxó de Boca da Mata. A segunda parte tem como ponto de partida uma roda de conversa que aconteceu no final da oficina, na qual os participantes trouxeram temas e experiências compartilhados naquela manhã, dialogando com questões importante para pensarmos a Educação Escolar Indígena no Brasil.

### *O Memorial da Escola*

Na primeira parte do trabalho, temos transcritas as falas dos participantes feitas durante uma caminhada, realizada pelos espaços onde foram construídas as escolas em Boca da Mata. Essa caminhada nos levou a diferentes pontos da aldeia e em cada um deles foram surgindo narrativas sobre como era o local à sua volta, os primeiros tempos da aldeia, como eram os professores, quem eram os alunos e a luta da comunidade para a ampliação na oferta da educação básica e da formação de professores da própria comunidade. Em meio a quintais, plantações e ruínas, pudemos estabelecer conversas e ouvir depoimentos de pessoas que passaram por essas escolas.

O ponto de partida foi o *quintal do velho Tibúrcio*, onde teria funcionado a primeira escola construída pela comunidade em 1982. No local encontramos uma roça de pimentas do reino, alguns pés de coco e uma jaqueira, com destaque às falas de uma primeira geração de professores em Boca da Mata. Juliana e Jovino foram alunos nessa escola e compartilham algumas memórias sobre o prédio escolar naquele período: “*A casa era de taipa, o chão de cimento e telha eternit. Era uma sala só e tinha um quarto para o professor e uma cozinhezinha. (...) a obra [foi] da comunidade né, fizeram regime de mutirão*” (p. 2).

Jovino recorda que nesse período o ensino “*era multisseriado, tinha aula de manhã, de tarde e de noite...*” (p.2). No entanto, as aulas eram frequentemente interrompidas por falta de professores e os alunos ficavam prejudicados sem poder concluir os estudos.

Seu Patxyó recorda que:

E também a escola não fechava o ano né, estudava quatro, cinco meses, seis meses, oito meses e daí parava, não tinha condições, porque ela era extensão de Barra Velha e aí o pessoal tudo aqui vinha de lá para cá, nas costas de burro de lá para cá, livro, merenda essas coisas, remédio tudo vinha nas costas de animais de lá pra cá. Aí se o cara ficava aqui dois meses, daí tinha que ir na rua daí ia e não voltava mais, daí tinha que vir outro, aí nunca fechava o ano, o cara iniciava o ano, estudava dez anos aí e não completava (p. 3).



A fala de seu Patxyó revela ainda que o apoio da Funai era muito precário e essas dificuldades, no entanto, eram compensadas pelo espírito de organização e trabalho voluntário dos membros da comunidade para que a escola pudesse funcionar. Ao falar sobre o cotidiano da escola, podemos notar a importância do trabalho coletivo na execução das tarefas empregadas naquele contexto. Um exemplo é a divisão das atividades entre alunos e professores e o trabalho de dona Anália como cozinheira voluntária, fato citado por Juliana no tempo das duas primeiras escolas.

Daí minha mãe era cozinheira voluntária, juntava os alunos e ia apanhar lenha, apanhava água pra cozinhar, o fogão era de lenha na época. A merenda vinha, daí os alunos se reunia, se juntava para limpar a sala e limpar o quintal. Aqui embaixo tinha um riozinho que o pessoal lavava roupa, as vasilhas da escola também. A lenha a gente subia aqui rapidinho, os alunos, os homens iam lá e traziam a lenha e mãe cozinhava aqui no fundo num fogão de lenha que tinha aí (Juliana, p.1).

Assim, também somos levados a conhecer um pouco sobre como eram os arredores da escola e as famílias que viviam naqueles quintais. Juliana recorda que *“o antigo morador aqui era o velho Tibúrcio, a família dele morava ali, Vaqueiro morava ali, no fundo tinha uma farinheira que o pessoal fazia farinha. Sapica morava ali nesse meiozinho ali também”* (p.01).

Nos depoimentos de Juliana e Jovino, também podemos conhecer um pouco dos alunos e professores que viveram nesse período:

(...) a irmã de Nitinawã, Nete [Evanete], Lene, Gildo, Legano [Negão?], foram alunos daqui da primeira até a quarta série. Gilena, Maria da Silva, Tatu, Zeti, a família de seu Tibúrcio, Maria, Gote, Vaqueiro, todos eram alunos daqui, o pai de Anailton, Daiane, Barrigudo, Bastiano, as meninas de seu Alício, Maria, Seissa...(p.01).

Antes de partir para o local onde foi construída a segunda escola, passamos por duas localidades que funcionaram como salas de aula improvisadas, enquanto serviram de residência para o professor indígena João Duro entre os anos de 1987 e 1988. Ele teria sido o primeiro professor indígena a ensinar na aldeia.

Após conhecer esses espaços, seguimos o caminho até o local onde foi construída a segunda escola, em 1989. Ela ficou conhecida como a escola de tábuas e teria sido uma iniciativa da Funai. Juliana nos conta que *“eram duas salas, uma sala de aula e a casa do professor.”* (p.14). No espaço onde funcionou a segunda escola só restou um pedaço do piso vermelho.

Neste local, Juliana recorda suas primeiras experiências como professora, ainda de maneira informal e como forma garantir a continuação das aulas:



Aqui eu fui professora e fui aluna também né, aqui na época que Nildes era professora e eu era aluna da quarta série, daí eu dava aula quando ela saía pra rua para pegar o pagamento ela deixava eu cuidando dos meninos também e aí, tinha vezes que ela ia e não voltava mais e ficava uma semana, ficava um mês com esses meninos aqui estudando aí eu passava dever no quadro também voltava, sentava e eu ia fazer no meu caderno, que ela deixava o plano pronto, era a cartilha (p. 13).

Juliana relembra outros professores da Funai, que deram aulas na comunidade antes de 1994, entre eles, Nagô, Gavião, Adenilton, Lucinha, e Nildes. A escola ficou sob a administração da Funai até o início dos anos 90, quando as políticas públicas para a educação escolar indígena passaram da administração da Funai para o Ministério da Educação e o Município. A professora Irene Maria de Jesus, que ensinou na primeira escola entre os anos de 1984 a 1987 era contratada pela FUNAI e nos conta em depoimento escrito que:

Em 1993, inicia-se um processo de inclusão de Comunidades indígenas no Sistema Nacional de Educação, através das Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, orientadas pelo Ministério da Educação, passando a acessar os programas existentes nestas Instituições e propondo iniciativas que atendessem as demandas mais específicas de comunidades indígenas. Alguns funcionários da FUNAI, dentre estes me incluo, passamos a representar a Funai local/Regional /Sul e Extremo Sul da Bahia, junto as Representações indígenas e demais Instituições, principalmente as Secretarias Municipais e Estadual, envolvidas na efetivação de uma Política de Educação Escolar indígena desta Região, num contexto também orientado pela Funai Nacional e o Ministério da Educação. (Anexo “A”)

Essa passagem administrativa da escola da Funai para o MEC acontece em conjunto com outras mudanças significativas quanto ao ensino seriado e a contratação de professores indígenas. Em 1996 começa o ensino seriado em Boca da Mata. Renato e Romário pertencem a uma segunda geração de professores da comunidade, eles se lembram que começaram a estudar nessa segunda escola, nos anos de 1997 e 1996 respectivamente, nas primeiras turmas seriadas na escola. Sobre as aulas naquele período, Romário relembra sua primeira professora, Maria Mianga, contratada pelo município:

Nós sentava lá, Maria Mianga pegava aquela varinha lá e se olhasse pra traz: “óh..., olha pra frente!”, era rígido o negócio lá, ela tinha uma varinha assim, um cipózinho. Maria Mianga pegava o violãozinho dela e começava a tocar com aquela vozona dela: “como pode um peixe vivo viver fora da água fria...”. Foi nessa época aí que nós andávamos um bocadinho né, levava o violão... Ela também foi uma das professoras que incentivou bastante a língua patxôhã na época né, ela trazia, colhia as palavras com os pessoal que sabia e trazia para os alunos dela. Ela era de São Paulo, mas ela incentivou bastante neste lado da língua do patxôhã (p. 14-15).

Assim, em cada quintal que visitávamos, foi possível perceber as diferentes gerações de alunos e professores que frequentaram essas escolas. A partir dessas recordações, pudemos conhecer como eram as aulas naquele período e perceber as transformações ocorridas ao longo dessas gerações,



assim como as conquistas da comunidade no avanço dos direitos à uma educação escolar indígena de qualidade. O processo de seriação impôs um novo ritmo de crescimento para a escola. O número de turmas aumentava a cada ano, e a ampliação na oferta do ensino fundamental aumentou ainda mais o prestígio da escola diante da comunidade. Neste tempo as instalações da escola da Funai estavam muito precárias, e um vendaval teria derrubado uma sala de aula, agravando ainda mais o problema. Foi quando a comunidade se uniu, mais uma vez, para resolver a situação.

Continuamos nossa caminhada até a escola erguida pela comunidade ao lado da casa de seu Patxyó, em 1996. Juliana se recorda da rapidez com que foi construída esta escola pela comunidade: *“É, a gente teve um curso lá em Barra Velha e quando retornou já estava tudo pronto! Aqui era duas salas, uma cozinha e uma secretaria”*(p. 18).

Edimarcos também relata sobre esta construção:

Em uma semana construiu toda a escola, os homens foram pra mata tirar madeira, as mulheres ficaram fazendo a alimentação, então assim, eu lembro aí deste processo, dessa construção daquele escola ali. Eu sei que três dias aquela escola estava pronta, e no quinto dia houve o embarreio da escola, e acho que com umas duas semanas, depois que o barro secou, os alunos já estavam lá estudando naquela escola entendeu, começaram a estudar já, foi muito rápido este processo aí (p. 25).

Nos relatos sobre essa escola, podemos perceber o surgimento de uma primeira geração de professores indígenas formados na própria comunidade. Assim que ingressaram na primeira turma do magistério, Juliana, Maria da Silva e Jovino começaram a dar aulas entre 1996 e 1997. Juliana e Jovino nos contam que:

Foi sete anos o curso do magistério, e o sonho da gente professor ali era que a gente tivesse espaço na universidade pra gente poder... eu sonhava muito em ir para uma faculdade né, e aí quando terminava a aula de manhã e de tarde, aí a professora Irene e a professora lá de Caramuru, Maria Muniz, sentava com a gente, tinha uma máquina, não tinha computador essa época ainda, sentava com a gente numa máquina de datilografar né (...) discutindo de que forma lidar com o governo para poder fazer esse projeto pra adquirir este espaço, porque na amazônia já tinha, e nós aqui não tinha chegado pra gente ainda né (...) A gente estudava o dia todo, às vezes até à noite, todo dia tinha reunião, também era cansativo porque todo dia tinha reunião, todo dia, todo dia tinha reunião e aí a gente ia até dez horas, onze horas da noite em reunião pra discutir estas políticas públicas aí para as escolas indígenas e graças a Deus a gente acabou que aconteceu (p. 9,10).

Neste momento, a luta pela formação de professores indígenas na comunidade passa a ser encarada como prioridade para a melhoria das condições de ensino em Boca da Mata. Com o início da seriação e o crescimento da aldeia, não demorou muito para que as duas salas de aula da escola recém construída e o salão da igreja fossem insuficientes para atender o número de turmas de



alunos. Em 1998, a fim de atender essas demandas, a comunidade conquistou junto ao município a construção de uma nova escola. Juliana nos conta que:

É, porque lá era duas salas de manhã, de tarde e de noite, aí vinha o pessoal dos alunos maiores né, que tinham que estudar de noite também e mais duas turmas, era quatro turmas à noite, daí por isso que veio o pedido desta [escola]. (...) O rodízio era uma turma que entrava sete da manhã, saía onze, entrava outra turma onze e saía [duas e meia]. Depois entrava outra duas e meia e saía às cinco da tarde. (p. 21).

Apesar da demanda por mais salas de aulas, a partir da implantação do *fluxos*, a escola construída pela prefeitura em 1998 começou suas atividades no ano 2000. Neste momento, funcionaram as duas escolas, a escola construída em 1996 ao lado da casa de seu Patxyó e a outra construída pelo município. Nessa última escola é que se consolida a oferta do ensino seriado até os últimos anos do Ensino Fundamental, da 5ª à 8ª série. Nesse contexto, surge a necessidade de nova ampliação do número de salas de aula. Essa necessidade foi exposta numa viagem de três lideranças da comunidade à Brasília que resultou na construção do prédio que hoje é o principal da escola:

Em 2002, essa escola, ela assim, de acordo com a necessidade de que a comunidade foi crescendo né, algumas lideranças sempre viajando pra Brasília (...) com as cobranças mais ainda, essa aqui que é uma escola construída pelo estado, em parceria com o governo federal, em 2002, em 2001, meu avô que hoje é o pajé, o Alfredo também, que é o cacique atual, e Zezito, eles estavam em Brasília e eles estavam em uma reunião no MEC, e o MEC falou que tinha três escolas para ser construídas, seria uma escola modelo para as comunidades indígenas, então naquele momento eles pediram para que fosse construído uma escola aqui na região e como estava uma comitiva do extremo sul da Bahia lá em Brasília, na reunião com o MEC na época, foram destinadas estas três escolas aqui, duas pro Território Barra Velha e uma pro Território Caramuru-Paraguassú, lá em Pau Brasil. Foi feita uma aqui em Boca da Mata, uma em Barra Velha e outra em Caramuru (...) (p. 24-26).

A urgência na expansão do número de salas de aulas não permitiu sequer uma inauguração oficial da escola, uma vez que a demanda por sala de aula não parava de crescer. Edimarcos recorda que:

(...) até então se falava que ia ter uma inauguração do prédio que nunca houve, então a inauguração foi a vinda dos alunos aqui pra dentro mesmo, em 2002, a partir de setembro, de outubro mais ou menos nessa época, nessa data, nós finalizamos aqui o projeto do Fluxos com as duas turmas de ginásio das séries finais, e no ano seguinte em 2003 as matrículas foram feitas, os alunos já começaram a estudar (...) então, na verdade nunca houve assim uma inauguração formal por parte do governo do estado, nem de ninguém, mas uma inauguração com a própria retomada, com a entrada dos



alunos para dentro da escola, esse é um ponto marcante, muito marcante de todo esse tempo aí (p.26,27).

Essa escola também é marcada pela luta da comunidade pela implementação do Ensino Médio, que demorou pelo menos mais três anos até se consolidar. Edimarcos recorda que:

(...) Então a partir daí, a partir de 2003 que teve o Ensino Médio também pros alunos que foram para aqui em 2002 (...) O nono ano que era a oitava série na época né, implantou uma turma de primeiro ano de Ensino Médio em Boca da Mata, só que assim, foi com a vontade realmente da comunidade que teve Ensino Médio na comunidade porém, ele não teve nenhum acordo, a secretaria ela não aceitou na época que esse Ensino Médio fosse regularizado, é tanto que estudou um ano sem valer pra nada né. (...) e Boca da Mata começou em 2005, com o Ensino Médio regular normal, e assim se deu o início desta escola (p. 27).

A primeira turma do ensino médio se formou em 2008 e resultou em uma nova geração de professores indígenas e estudantes universitário. Em 2010, conforme nos relata Edimarcos, a escola tinha 560 alunos, distribuídos em 23 turmas seriadas, e o número de salas de aulas foi novamente insuficiente, sendo necessário ocupar outros espaços improvisados, como a sala de leitura, a sala dos professores e o laboratório de informática. Assim, depois de novas mobilizações, em 2014, a comunidade consegue a construção de mais duas salas de aula e uma biblioteca, um prédio anexo a essa última escola. Nas palavras de Edimarcos,

Então aquelas duas salas ali, as duas do outro lado de lá foi construída depois deste prédio aqui, foi a comunidade que fez, nós aqui da escola nos reunimos por necessidade de fazer mais uma sala de aula, nós fomos contemplados com um projeto (...) No valor de quinze mil reais e esse valor não podia ser pra construção, podia ser construção assim, tipo ampliação, mas para concluir não poderia fazer nada disso, então, com várias idas à Porto Seguro, eu Jovino, Juliana é..., o próprio cacique também, é sentamos lá com a coordenação e levamos todas as justificativas possíveis para tentar construir uma sala, aí ele falou assim: “não, então vocês constrói uma, que é o dinheiro que tá vai dar só pra isso, no máximo pra construir uma. Aí voltamos pra aqui, conversamos com a equipe, disse: olha nós temos necessidade de construir duas salas, uma sala só vai resolver mas não vai atender a necessidade, vamos construir duas? Mas aí vai precisar de todo mundo, todo mundo vai precisar ajudar a meter a mão na massa mesmo. “Vamos sim!” Construimos aquelas duas salas ali, que hoje atende a necessidade da comunidade (p.28).

Prestes a completar 20 anos, o prédio principal da escola mantém um grande prestígio entre a comunidade. Além das aulas, nesse local acontecem reuniões, cursos de formação, eventos diversos, atendimentos na área da saúde e assistência social e a tradicional festa de formatura da turma do terceiro ano do ensino médio ao final de cada ano letivo.



Após a caminhada, já na escola atual, as pinturas e grafismos nas paredes e colunas da escola chamaram a atenção do professor Álamo da UFSB e que conduzia aquela oficina. Foi relatado pelos participantes, que ali havia diferentes gerações de pinturas e que elas representavam a vontade da comunidade de imprimir uma marca própria à escola. Edimarcos nos conta que:

Um outro colega nosso também, professor patxôhã, é, ele falou: vamos dar uma cara mais bonita para esta escola, porque esta escola era só pintada aqui com verde, a escola era verde até então né, e trouxe esta pintura nova aí, essa outra pintura nova... não, vamos conservar nossa marca, já que o prédio é nosso vamos usar nossa marca, vamos usar da melhor forma, que é até uma forma de incentivar também quem está vindo (p.30).

As pinturas teriam sido iniciadas pelos professores Ademário e Arissana, que vinham de Coroa Vermelha nos primeiros anos do Ensino Médio. Desde então, seu Patxyó tem dado sequência ao trabalho como professor de cultura.

### ***Temas e debates sobre a Educação Escolar Indígena em Boca da Mata***

Ao final da oficina, nos reunimos no prédio atual da escola para uma rodada de conversa onde cada participante relatou sobre suas experiências com a oficina e avaliou os trabalhos daquela manhã. Inspirados pelos depoimentos e conversas da oficina, os participantes levantaram temas importantes que não abrangem apenas a escola indígena na comunidade, mas que problematizam e refletem sobre discussões mais amplas sobre a Educação Escolar Indígena no Brasil.

Nesta segunda parte do trabalho, as falas dos participantes foram organizadas a partir de cinco temas principais: 2.1) *Educação indígena e ensino diferenciado*; 2.2) *Do ensino multisseriado ao ensino seriado e a formação de professores indígenas na comunidade*; 2.3) *Escassez de recursos, superação e enfrentamento na construção da Educação Escolar Indígena na comunidade*; 2.4) *Escola indígena e território* e 2.5) *Das escolas às universidades: fortalecer o presente com a memória do passado*.

Nesta última parte, as identidades pessoais dos participantes são omitidas com a finalidade de se focar as problemáticas e questões levantadas. Participaram desta roda de conversa um total de 18 pessoas: 14 professores indígenas, 02 estudantes indígenas e 02 participantes não indígenas vinculados à UFSB.

Parabéns aos atores e interlocutores dessa importante história da Educação Escolar Indígena em Boca da Mata, com votos para que as histórias aqui transcritas e as questões pelos participantes levantadas, possam inspirar professores, estudantes e demais pesquisadores indígenas e não indígenas, dentro e fora das salas de aulas.

*Alexandre Capatto, março de 2021*



## Parte 1. FALAS E CONVERSAS SOBRE AS ESCOLAS E A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA NA ALDEIA PATAXÓ DE BOCA DA MATA

### 1.1 NA PRIMEIRA ESCOLA

*A escola de taipa, construída pela comunidade lá no seu Tibúrcio em 1982*

**Juliana e Jovino** [recordando os alunos da primeira escola]. (...) a irmã de Nitinawã, Nete [Evanete], Lene, Gildo, Legano [Negão?], foram alunos daqui da primeira até a quarta série. Gilena, Maria da Silva, Tatu, Zeti, a família de seu Tibúrcio, Maria, Gote, Vaqueiro, todos eram alunos daqui, o pai de Anailton, Daiane, Barrigudo, Bastiano, as meninas de seu Alício, Maria, Seissa [?]....

**Alexandre.** A primeira escola é de 1982?

**Juliana.** É de 82 né.

**Juliana.** Daí minha mãe era cozinheira voluntária, juntava os alunos e ia apanhar lenha, apanhava água pra cozinhar, o fogão era de lenha na época. A merenda vinha daí os alunos se reunia, se juntava para limpar a sala e limpar o quintal. Aqui embaixo tinha um riozinho que o pessoal lavava roupa, as vasilhas da escola também. A lenha a gente subia aqui rapidinho os alunos, os homens iam lá e traziam a lenha e mãe cozinhava aqui no fundo num fogão de lenha que tinha aí. O antigo morador aqui era o velho Tibúrcio, a família dele morava ali, Vaqueiro morava ali, no fundo tinha uma farinheira que o pessoal fazia farinha. Sapica morava ali nesse meiozinho ali também.

**Alexandre.** O chão era de cimento, terra batida? Era uma sala só?



Figura 1: Local onde foi construída a primeira escola na comunidade de Boca da Mata, em 1982. Registro no dia da oficina.

**Juliana e Jovino.** A casa era de taipa, o chão de cimento e telha *eternite*. Era uma sala só e tinha um quarto para o professor e uma cozinhezinha.

**Edimarcos.** O ensino era seriado ou multisseriado?

**Juliana e Jovino.** Era multisseriado, tinha aula de manhã, de tarde e de noite, Braga estudou aqui também, Josias...

**Álamo.** Essa jaqueira já existia, vocês lembram dela?

**Juliana e Jovino.** Não, essa jaqueira é recente, na época em que a escola funcionava aqui não tinha estes pés de planta, não tinha esta plantação não [na ocasião o terreno estava sendo ocupado por uma plantação de pimentas do reino].

**Juliana.** Daí aqui [na escola] tinha missa, as rezas também, reuniões, tudo na escola, era o Frei Constantino que vinha fazer casamento aqui no espaço do pátio da escola. Há 35 anos atrás. Também virou igreja porque a turma vinha fazer velório aqui na escola, o pessoal morria e trazia aqui para a escola. Teve uma epidemia de sarampo e aí veio um pessoal atender aqui, alcancei criança morrendo aqui nessa escola que foi até um pessoal de véio Catarino, irmão de Carajá, o mais novo foi velado aqui também, debaixo daquele pé de “coiso” ali [aponta para uma grande árvore do outro lado da rua cerca de 100m dali] tem um cemitério, nós tirávamos daqui e enterrava lá as crianças (os adultos levava lá para [o cemitério da] Cassiana. Morreram umas dez crianças de sarampo nesta época. Eu morei também aqui nesta escola, depois que não teve aula, que os professores foram embora, que nós fomos para Corôa, e quando voltou, meu pai não tinha casa

nós moramos dentro da escola. Até que ela caiu, não lembro que época que ela caiu, e daqui a gente mudou para a casa de um rapaz que era tio dele chamado Pedro Chiquinho, eu tinha terminado a terceira eu estava na quarta série aí a gente foi pra lá, se vocês quiserem visitar o espaço onde era o lugar, o professor era João Duro, ele era de cadeira de rodas. Ele tirava uma vara grande assim pra ele colocar no quadro e eu era maior e eu escrevia no quadro pra ele pra ele dar lição na cartilha para a gente e os demais, daí... - e a cadeira era um *cepozinho* - ele mandava o pessoal, os pais dos alunos, tirar o cepo né, cortar e colocar nos espaços, outros sentavam no chão mesmo, bota esteira e sentava, e o quadro era um restinho do quadro que a gente tirou daqui e levou pra lá né, o que eu me lembro, mas tem gente que lembra de mais coisa, tem Nete que lembra, Jovino, Raimundo, [que lembra] de outras partes também, mas em mim ficou minha infância toda eu estudando nestes dois espaços: aqui nesta escola, na escola da casa de seu Pedro e a que tinha um posto de saúde, onde tem aquela casa de meu pai ali, na frente tinha um postozinho, era um posto de saúde, um alojamento dos agentes de saúde né.

**Jovino.** (...) de um pessoal que vinha de fora, de Governador Valadares.

**Juliana.** (...) e daí por falta de escola este espaço se tornou de novo uma sala de aula e a casa do professor, daí depois João Duro foi embora,

**Álamo.** E o rio, como é que vocês atravessavam?

**Juliana.** Então, era um brejo e aí tinha uma tal de pinguela que a gente bota uns paus, um em cima do outro pra atravessar, mas quando

chovia que enchia tudo as vezes a gente nadava para passar de um lado pra outro, atravessava de canoa. O rio era bem grande aqui tinha uma mata, aqui era mata de fora a fora aí depois que derrubou a mata.

**Álamo.** Durou quanto tempo esta escola em pé?

**Jovino.** Ela ficou ativada como escola durante sete anos né...

**Patxyó.** E também a escola não fechava o ano né, estudava quatro, cinco meses, seis meses, oito meses e daí parava, não tinha condições, porque ela era extensão de Barra Velha e aí o pessoal tudo aqui vinha de lá para cá, nas costas de burro de lá para cá, livro, merenda estas coisas, remédio tudo vinha nas costas de animais de lá pra cá. Aí se o cara ficava aqui

dois meses, daí tinha que ir na rua daí ia e não voltava mais, daí tinha que vir outro, aí nunca fechava o ano, o cara iniciava o ano, estudava dez anos aí e não completava.

**Álamo.** Ela funcionou mais ou menos de 1982 à 1989?

**Jovino.** É mais ou menos isso, foi no comando da Funai né.

**Álamo.** E foi obra da Funai né?

**Jovino.** Não, [foi] obra da comunidade né, fizeram regime de mutirão, só os professores [que eram contratados pela Funai].

**Juliana.** Acho que nem banheiro tinha só a sala de aula.



*Figura 2: Local onde funcionou a primeira escola na aldeia Boca da Mata, vista frontal a partir da estrada. Registro no dia da oficina.*

**Jovino.** É, tinha dois quartos, uma cozinha e uma cantinazinha de pôr material.

**Álamo.** E como é que vocês identificavam este quintal? Tinha um nome para esta área aqui?

**Patxyó.** Aqui não tinha quintal não, aqui tinha uma mata, aqui era tudo um espaço aberto, a escola aqui era roça, aqui era um lugar de roça.

**Álamo.** Tá, então não tinha um nome específico para este lugar onde ficava a escola, era a escola de Boca da Mata?

**Juliana.** Era escola, escola da aldeia.

**Patxyó.** Ou então se dizia: “vamos lá pra seu Tibúrcio”, que morava ali do outro lado né, Bala doce, “vamos lá pro Bala Doce”. O lugar aqui é Bala Doce, “vamos lá pro Bala Doce”, não tinha assim um lugar.

**Jovino.** Depois que os professores da Funai saíram daí ficou este impasse, aí passou João Duro, passaram vários outros professores que não se adaptavam né, professor Adeilton [?], Angélica foi no tempo da Funai, uns ficavam aqui na escola, tinha o agente de saúde que ficava ali no postinho.

**Juliana.** Tinha João que era enfermeiro que vinha de Belo Horizonte e como ali a gente atravessava o brejo pro lado de lá, daí os menino de lá que vinha estudar quando estava chovendo não podia atravessar pra cá daí não vinham para a escola. Porque estava chovendo, o rio tava muito cheio, aí não vinha né.

**Álamo.** E qual foi a razão para a escola sair daqui? Tem alguma razão específica ou não?

**Edimarcos.** A construção da escola de tábuas foi em 1989, foi quando a Funai construiu uma

outra escola maior, daí já foi a Funai que construiu né e aí acabou deslocando o povo daqui para a outra.

**Álamo.** Então a razão foi essa, a construção da outra escola.

**Jovino.** É, e a daqui caindo já né, desabando, estava precária e acabou construindo a outra de tábuas. E o pessoal acabou mudando pra lá. Aí depois acabou o centro se formando ali e tudo acabou centralizando naquele centro.

**Álamo.** O centro não existia ali, enquanto a escola era aqui?

**Jovino.** Não, não.

**Juliana.** O centro era qui [arredores da primeira escola].

**Álamo.** Isso é importante, olha o centro muda né, sai a escola, a escola carrega junto o centro da comunidade pra lá. Essa informação é importante.

**Patxyó.** O centro só se formou ali depois que se criou o campo de futebol que se formou o centro lá, em volta do estádio ali. O centro era aqui, depois que se formou o campo lá, daí tinha uns índios antigos que gostavam, as índias que gostavam, as índias hoje não gritam para os próprios atletas não...

**Álamo.** Agora a pergunta é: o que muda o centro do lugar, é o campo ou é a escola saindo daqui para ir para lá?

**Patxyó.** Os dois, as duas coisas, foi a evolução da aldeia no caso do crescimento da aldeia.

**Jovino.** Na verdade, com a evolução da aldeia, com as construções da própria escola né o

pessoal acabou chegando mais gente também né. E quando a escola grande foi construída lá em cima, naquele espaço não tinha ninguém, era só a escola e depois que a escola foi acabou todo mundo indo para lá também.

**Álamo.** Mas aí agente pode dizer que a construção da escola é um elemento que define a paisagem e a ocupação do lugar, é isso?

**Juliana.** É, atraiu o povo para lá.

**Álamo.** Porque vocês estavam falando ontem no projeto de vocês, de falar do crescimento, que já tem ruas e a gente está vendo aqui que essa mudança de lugar ela produziu essas alterações na paisagem ambiental.

**Patxyó.** Uma outra coisa também que chamou para agrupar o povo ali um tempo depois foi a energia, todo muito queria ter uma energiazinha né, uma geladerazinha, até eu que morava lá na roça lá mudei pra cá...

**Álamo.** Vamos fazer o caminho da outra escola então agora?

**Alexandre.** Viu gente, a ideia que eu estive falando com Álamo, é de a gente pegar as fotografias, algumas falas e fazer alguma exposição, montar um painel, alguma coisa para a gente pôr na escola... daí eu pensei de a gente levar esse pedaço de pedra [referência a um pedaço do antigo piso da primeira escola] pra a gente deixar na escola, para usar para resgatar a memória.



*Figura 3: Edimarcos segura um pedaço do piso da antiga escola*



*Figura 3. Ruínas do piso da primeira escola encontrados no dia da oficina*



*Figura 5: Prego encontrado junto à ruína no dia da oficina*



*Figura 4: Cacos de eternit do telhado da primeira escola registrado no dia da oficina*

*A escola improvisada na casa de seu Pedro Chiquinho, onde João Duro ensinou em 1987*

**Juliana.** A casa era mais ou menos embaixo deste pé de coco aqui, a casa do seu Pedro. A casa dele era um quarto a sala e a cozinha e na sala era onde a gente estudava. Assim que trouxeram seu João Duro aqui para dar aula, já não tinha mais espaço para dar aula lá [refere-se à primeira escola] a escola tinha caído e não tinha mais outro espaço daí improvisou aqui a sala de seu Pedro para estudar. Depois da sala de seu Pedro que a gente saiu da casa dele que a gente foi lá para o posto improvisado de novo. Daí deram uma arrumadinha lá, embarreou os buracos da parede e a gente foi para lá de novo estudar lá. E não sei se vocês conheceram este espaço aqui da casa do véio Pedro, você conheceu Jovino?

**Jovino.** Eu conheci sim, na época que o professor João Duro passou por aqui, como ele era cadeirante, ele não podia se mover então na casa que ele morava ele acabava também dando aula ali, porque ele não poderia estar se movendo para outro espaço então, porque ele só ficava na cadeira de rodas, ele não saía para lugar nenhum e aí como Juliana falou, ela era uma das alunas maiores na época, ela escrevia e ele fazia a leitura e ensinava os meninos a fazer.

**Alexandre.** Ele era pataxó?

**Jovino.** Ele era um índio também.

**Juliana.** Ele morou na aldeia Cahí, na aldeia Pequi lá em Cumuruxatiba, tá vivo ainda, ele a



*Figura 6: Registro feito no dia da oficina: Juliana aponta para o local onde o professor João Duro lecionou, na antiga casa de seu Pedro Chiquinho.*

mulher e os filhos, o velho Pedro. O João Duro já morreu, até a mulher dele já morreu também.

**Álamo.** Então a escola funcionou aqui porque ele era cadeirante, é isso?

**Juliana.** Além disso, eu acho também que ele era sobrinho do dono da casa, por isso que aceitou ele.

**Álamo.** Antes de ir para a escola de tábua da Funai, [a escola] veio para cá ?

**Juliana.** Foi, depois que a gente veio para cá, porque aquela casa lá [escola de tábuas da Funai] ainda demorou de vir. Porque ele ensinou um ano aqui e no ano seguinte ele foi morar ali onde era o antigo posto de saúde e lá a gente estudou de novo já no ano seguinte que começou a construção lá. Porque a escola antiga ela não tinha mais condições de receber menino lá, ninguém né, porque ela estava caindo os pedaços.

**Álamo.** E a área era ali onde está aquele coqueiro?

**Juliana.** É, mais ou menos nesse espaço, porque aqui tinha seu Pedro, tinha dona Antônia e tinha João Medina do lado aqui, então a gente não tinha a base mesmo de onde que era na verdade a casa dele de fato, mas era neste espaço aqui a casa dele, que era a primeira de lá para cá. Aí depois vinha a casa da mãe dele, depois vinha a casa de João Medina e depois o véio Firmo lá.

**Alexandre.** E João Duro tinha estudo [formação para professor]?

**Jovino.** Por onde ele passava ele acabava também tentando passar um pouco do conhecimento dele pra galera sabe. Ele ensinou

lá na Palestina daí sabe, ele andou este trecho aqui tudo...

**Juliana.** Acho que ele tinha magistério porque ele morava na cidade.

**Álamo.** Vocês chegaram a ter aula aqui?

**Juliana.** Ahã, eu estudei aqui. Eu estudei na sala.

**Álamo.** E você lembra de uma aula? Conta aí como era uma aula.

**Juliana.** Então uma aula era assim ele..., como a gente sentava nos cantos das paredes ele ficava num canto encostado do quadro e aí ele pegava a cartilha daí tinha a família do “B” né, aí ele pegava aquela cartilha, escolhia a página e mandava um copiar no quadro aí depois que copiava tudo no quadro aquela família do “B”, aí tinha um texto né, não me lembro, não sei se era abelha uma coisa que tinha lá mas eu sei que era a família do “B” e aí eu copiava o texto, copiava a família silábica e depois eu saía do quadro e empurrava a cadeira dele pra junto do quadro, aí ele ia pegar a varinha e apontava para ensinar os demais.

**Álamo.** E você auxiliava ele?

**Juliana.** Eu auxiliava ele e aí eu voltava para escrever no meu caderno também porque eu tinha escrito no quadro

**Álamo.** E por que você auxiliava ele? Você tinha um maior domínio da escrita?

**Juliana.** É não sei, acho que porque eu era muito pra frente né [risos], porque tinha mais gente ali que sabia também né, mas ninguém nunca se disponibilizou pra ajudar ele. Aí eu vendo a dificuldade dele aí eu falei não

professor eu vou te ajudar aí, deixa eu escrever pra você, aí eu escrevia do meu jeito né, o que ele pedia, “Então vai Juliana”, pra tudo ele me mandava, “ó Juliana vai ver se a merenda já tá pronta para os meninos merendarem”, “oh Juliana vai escrever isso aqui”, “corrige o caderno pra ver se tá escrevendo certo”...

**Edimarcos.** E a merenda era onde, ali embaixo?

**Juliana.** A merenda era ali na casa de mãe que fazia a merenda e os meninos iam pra lá merendar e aí depois que corrigia eu pegava os cadernos dos meninos e levava para ele, ou então eu empurrava a cadeira dele até junto dos meninos ou então os meninos levantavam e iam até ele. E era assim sucessivamente todos os dias. Quando a água acabava, tem uma cacimba aqui embaixo, aí ele pedia a um dos meninos para ir buscar água lá embaixo para poder encher as vasilhas de novo pra beber, aí com isso também eu aprendia com ele como ser professor da escola indígena né, é ter esse...[a fala é interrompida pela emoção da lembrança].

**Álamo.** De certa forma sua iniciação como professora foi com ele né, que legal Juliana, que memória boa!

**Juliana.** Meu pai sempre fala que as coisas boas a gente tem que levar com a gente né, então por isso que é assim, eu via o sofrimento dele na escola e eu me disponibilizava de ajudar em tudo que ele precisava. Aí pra ele ir pro mato, que não tinha banheiro né, mandava chamar a esposa dele para levar ele no mato, chamava ela e ela levava ele no mato enquanto eu ficava com os meninos. [Ele dizia:] “olha os meninos, não deixa os meninos sair pra fora não, tem que fazer o dever de todo mundo”. Então assim, ele me ensinou, aprendi com ele várias coisas relacionadas a trabalhar na escola

indígena, apesar de que ele era um índio que foi criado fora né, conviveu fora e ele sempre falava comigo que a educação escolar indígena tem que ser assim, daquela forma né, um ajudando o outro porque a gente não tinha que esperar que alguém lá de fora viesse trazer pra gente. Porque o que era bom da gente eles já tinha tirado que era o território, eu conversava muito com ele né, acho que eu devia ter uns doze, treze anos aí, e todo mundo ia embora eu continuava com ele, limpava a sala, arrumava a sala, era meu papel com ele, junto ali e a esposa dele. E aí assim, eu me alfabetizei com ele, era um professor muito carismático, ele também não gritava com a gente, ele chamava e conversava, sempre tinha reunião, terminava a aula e tinha reunião com a gente, com os alunos, por isso que eu nunca esqueci da memória desta escola aqui, uma das escolas que mais me chamou a atenção porque a necessidade era tão grande que a gente acabava abraçando a causa junto com ele. Eu não sei nem se ele recebia, se tinha algum contrato, não sei desta parte, eu não entendia nada né, a questão do calendário mesmo, a gente trabalhava, não tinha feriado, de segunda à segunda a gente trabalhava, não tinha feriado nenhum, também chuva não atrapalhava de a gente vir pra escola né, e foi muito bom a infância da gente aqui nesta sala de aula aí, na qual me ajudou também a me preparar para querer ser uma professora desta comunidade.

**Alexandre.** Além de ensinar o “beabá” ele falava também do território, das histórias, das famílias?

**Juliana.** Ele falava do território, falava sobre a cultura, sobre as músicas... tudo ele falava pra gente, tanto é que quando eu voltei a trabalhar pra escola, eu tinha quinze anos, que eu fiquei seis meses voluntária porque a professora saiu da escola né, já na escola de tábuas, então

assim, os ensinamentos que ele me dava na sala de aula eu voltava pra lá para a escola e aí ele falava sobre a valorização do espaço da comunidade, que a gente aqui tinha que na cidade era assim, era assado... Que aqui a gente poderia fazer né, e aí quando fui para a sala de aula sozinha, pra dominar uma sala de aula sozinha, eu tinha mais ou menos quinze anos e lá eu trabalhava na sala de aula, mandava os meninos apanhar lenha também, o mesmo processo que ele fazia aqui a gente fazia lá né, porque não tinha uma merendeira que assim, recebia para estar ali, mas a gente precisava apanhar água, apanhar lenha e aí a gente tirava os menino, quando voltava ia estudar, a gente também não tinha horário de entrar nem de sair da escola, a gente tinha livre arbítrio para entrar e sair na hora que a gente quisesse né, e dali eu tirava os meninos a gente ia pro rio tomar banho no rio, vinha da lenha né, tinha que tomar banho, depois do banho a gente ia para a sala de novo, no final, os meninos queriam jogar bola, então vamos jogar bola... daí a gente arrumava uma bola, fazia a bola, pegava um bocado de plástico botava num saco lá, amarrava e ia jogar bola... às vezes os meninos já trazia a bola de casa pra escola e assim sucessivamente, “vamos cantar o Awê!” - porque ele ensinou também a gente aqui né, na maioria das vezes também ele falava: “ó vocês têm que cantar música”, daí [nós] cantava música pra ele. Eu lembro até hoje que ele não tinha uma voz boa pra cantar, daí então eu escrevia as músicas e cantava né, aí ele: “não, é assim mesmo Juliana!”... Então assim, e eu cantava com os meninos na escola também e aí com ele eu aprendi a lidar com a questão da escola, da educação escolar indígena com esse professor né, e daí pra cá parei de trabalhar depois de seis meses, aí fui embora para Coroa Vermelha de novo, depois retornei, tive família, voltei com dezoito anos já com dois filhos pra de novo dar aula, quando

retornei de novo pra dar aula aí já foi com contrato e, no ano seguinte já teve o curso de magistério indígena, pra não ficar sozinha eu convidei Jovino, era eu e Maria da Silva – que ela ainda mora aqui essa professora né, convidei Raimundo, que na época não quis ir para o magistério indígena porque ele tinha outras atividades para fazer, convidei mais Vera de Eliseu pra ir também pro curso, porque assim, quando eu cheguei lá e vi que tinha espaço para mais indígena que tinha até a quarta série para concluir o magistério aí eu olhei pra minha também ‘poxa tem um bocado de gente lá que tem a quarta série, vou atrás deste povo’ aí a gente voltou no final de semana né, montado em um animal eu e ela (Maria da Silva) aí [ela falou] ó Juliana você vai atrás das pessoas lá pra baixo e eu vou atrás do pessoal aqui cá pra cima, aí cá pra baixo eu só encontrei Jovino, os outros ninguém quis ir né, então por isso tá só nós dois. E ela desistiu porque o pai dela tava doente na época, daí o esposo dela também não queria que ela saísse para estudar, ele não apoiou ela e ela continua aqui com os filhos dela.

**Alexandre.** Vocês tinham que ir para Eunápolis para fazer o magistério?

**Jovino.** Não era em Barra Velha, e assim, às vezes mudava, a gente chegou até a ir pra Rodelas

**Juliana.** Ele era nas comunidades, Barra Velha, Rodelas, Caramuru, Corôa Vermelha.

**Alexandre.** Era da Bahia o projeto?

**Jovino.** Era, do governo do Estado.

**Juliana.** Demorou o quê? Sete anos foi Jovino?

**Jovino.** Foi.

**Juliana.** Foi sete anos o curso do magistério, e o sonho da gente professor ali era que a gente tivesse espaço na universidade pra gente poder... eu sonhava muito em ir para uma faculdade né, e aí quando terminava a aula de manhã e de tarde, aí a professora Irene e a professora lá de Caramuru, Maria Muniz, sentava com a gente, tinha uma máquina, não tinha computador essa época ainda, sentava com a gente numa máquina de datilografar né, e aí eu sei que a gente ia dormir lá pra duas horas, aí tinha reunião ali, discutindo de que forma lidar com o governo para poder fazer esse projeto pra adquirir este espaço, porque na amazônia já tinha, e nós aqui não tinha chegado pra gente ainda né, e aí como na amazônia já tinha - Irene na época já tinha um conhecimento de que já tinha pra lá, Irene, Maria Muniz, - aí trouxeram pra cá pra gente: “não gente a gente vai ter, a gente vai trazer a universidade pra vocês”. Poxa foi meu sonho né, vou terminar essa faculdade, esse magistério e vou pra faculdade. E assim sucessivamente a gente conseguiu os espaços né, em 2009 não foi? Aí saiu o edital para a inscrição da UNEB, foi o primeiro curso no extremo sul da Bahia a abrir vagas para indígena, aí a gente foi, fez a prova e eu ingressei no curso e aí veio depois a UFMG, veio o IFBA e as outras universidades que abriu as portas também. Mas foi através destas demandas que a gente sabia que precisava.

**Jovino.** A gente que estudava pra lá a gente fazia o magistério indígena, que nem a Juliana falou, a gente estudava o dia todo, às vezes até à noite, todo dia tinha reunião, também era cansativo porque todo dia tinha reunião, todo dia, todo dia tinha reunião e aí a gente ia até dez horas, onze horas da noite em reunião pra discutir estas políticas públicas aí para as escolas indígenas e graças a Deus a gente

acabou que aconteceu. Como Juliana falou a primeira turma foi criada na UNEB.

**Juliana.** Aí já veio Edi que foi meu aluno, depois ele fez o magistério em Barra Velha e depois entrou na UNEB. Edi, Emanuel que também foi meu aluno.

**Álamo.** Tem gerações aqui!

**Juliana.** É, e aí é essa história!

**Alexandre.** Nessa época tinha avaliação? Como é que o professor fazia avaliação?

**Juliana.** Sim, tinha prova sim, a gente fazia a prova.

**Jovino.** Dessa galera aqui, só Luciana que não foi aluna da gente aqui.

**Juliana.** Era engraçado que quando a gente queria ensinar de noite, a gente precisava de um zé gás, né Jovino? “Vamos pedir um zé gás pra prefeitura pra trazer pra a gente dar aos meninos” ... que a gente dava aula na luz né, com um candieirozinho aí tinha que pegar um zé gás... escrevia depois todo mundo assinava pra fazer o pedido pra prefeitura, para os alunos estudar de noite...

**Alexandre.** E essas reuniões Jovino, que você fala que tinha depois das aulas do magistério, eram vocês mesmos que faziam ?

**Jovino.** Era nós mesmos, a gente tinha uma professora, Maria Muniz né, ela era uma professora já do quadro da Funai, porque ela era indígena, do Caramuru, e daí ela passava muitas orientações pra gente, era uma grande incentivadora ... a gente considerava ela assim uma mãe sabe... [ela dizia] “meninos eu quero ver vocês em frente, falando, é vocês que tem que falar por vocês, eu só vou largar isso aqui

depois que eu ver vocês fazendo isso”... né, e ela incentivava muito, ela foi uma grande incentivadora... tinha Jerry Matalawê, tinha Benildo de Coroa Vermelha, tinha Marilene...

**Juliana.** Eu acho que onde mais tinha professor indígena era em Coroa Vermelha, Caramuru tinham mais de cinquenta professores indígenas, nós aqui de Boca da Mata foi eu, Maria da Silva e os meninos que estudaram depois.

*O lugar do antigo postinho de saúde, que serviu provisoriamente de escola para a comunidade*

**Juliana.** Aqui Jovino, o posto e a sala de aula foi aqui.

**Jovino.** É, tinha um postinho de saúde né.

**Juliana.** É desse pau pra cá que era o postozinho.

**Alexandre.** E este foi de improviso?

**Jovino.** Já depois de algum tempo, depois da construção da escola, tiveram um postinho de saúde aqui, porque também aí veio um enfermeiro pela Funai também, para ficar aqui né, pra ficar dando assistência para os índios, ele chamava Ruan, daí ele ficava aqui neste postinho de saúde, depois que a Funai acabou saindo, este postinho ficou, foi ficando largado né, daí foi na época que o professor João Duro veio também, que acabou vindo para aqui, morar no postinho, e aí acabou dando aula também no postinho.

**Juliana.** Olha aqui uma pedra do postinho onde era ainda tem aqui.

**Romário.** Olha aí, eu vou ter que trazer o pessoal do IFAM pra tombar esse lugar aí...

**Alexandre.** É, um patrimônio intelectual da aldeia!

**Jovino.** Depois de 1985 que a comunidade acabou crescendo mais, na época da escola aqui, isso aqui tudo era roça, não tinha casa nenhuma aqui, era mata fechada até essa beirada aqui, até lá em cima onde o velho Firmo morava não tinha casa, a única casa que tinha lá era a dele, aí mais na frente tinha uma casa do pessoal de Nete, moravam mais em cima, daí mais em cima tinha outra casa que o pessoal morava que era do pessoal de Arnã, dos parentes de Arnã que moravam lá em cima, onde hoje os pais dela mora. Aí era assim, uma casa era bem longe uma da outra. Cassiana não tinha ainda não, lá tinha alguns moradores.

**Romário.** Você não falou que [aqui] era casa do pajé? Esse daí que é o pajé da aldeia!

**Juliana.** Esse é o pajé que passou para Romário!

**Romário.** Eu estou esperando uma confirmação ainda, tô aprendendo ainda, não estou chegando nem à metade dele, ele teve 21 filhos eu estou com uma criança ainda, tá faltando 20 ainda, ele teve três mulheres eu só estou com uma ainda.

**Jovino.** Então tá longe pra você chegar à esse patamar.

**Romário.** Tá perdendo a cultura.

**Alexandre.** Se depender do salário de professor não dá também não.

**Romário.** Aí tenho que ver um jeito de conseguir com a Sesai, os órgão do Ministério da Saúde para conseguir, porque o pajé é um médico né, espiritual, um médico tradicional, daí tem que ter o mesmo salário de um médico né, aí já começa a melhorar as coisas né.

**Juliana.** Aqui na aldeia, até 1999 só tinha até a quarta série. Depois de 2000 pra cá teve o EJA.

**Juliana.** Aqui antigamente era tudo roça do pessoal.

**Álamo.** E ele já morava aqui, o seu pai, na época que a escola funcionou aqui?

**Juliana.** É, ele já morava aqui, quando a gente veio de Barra Velha, não nesse local [próximo ao posto] não, ele morava ali, onde tem aquele pé de fruta bem alto ali, um pé de pau-brasil, ele morava lá aí depois que a gente mudou pra cá.



*Figura 7: Evanete, ao centro da foto, aponta com o guarda-chuvas o local onde ainda se vê resquícios do piso do antigo postinho*

## 1.2 NA SEGUNDA ESCOLA

*A escola de tábuas construída pela Funai em 1989 e a sala improvisada na antiga igreja*

**Jovino.** Foi aqui mesmo professor...

**Álamo.** Mas essa estrutura aqui não existia não né?

**Jovino.** Não, não, a estrutura aqui foi de tábua na época, olha aqui, o piso dela foi de cimento vermelho.

**Álamo.** Juliana, bota o pé ali onde você botou, por favor... [para tirar fotos].

**Romário.** Daqui pra cá eu comecei a estudar, entrava com sete anos naquela época, eu comecei a estudar aqui na época de Maria

Mianga, que foi a professora, mas antes de mim aqui foi esse pessoal muito antes aí. Eu comecei aqui, mas depois já me mandaram lá pra baixo, comecei em 1997 e em 1999 nós [sua família] fomos para a retomada do Monte, eu já estava com dois anos de estudo, chegamos a estudar na igreja, que a Juliana foi a nossa professora na época.

**Juliana.** Aqui eu fui professora e fui aluna também né, aqui na época que Nildes era professora e eu era aluna da quarta série, daí eu dava aula quando ela saía pra rua para pegar o pagamento ela deixava eu cuidando dos meninos também e aí, tinha vezes que ela ia e não voltava mais e ficava uma semana, ficava um mês com esses meninos aqui estudando aí eu passava dever no quadro também voltava, sentava e eu ia fazer no meu caderno, que ela deixava o plano pronto, era a cartilha.



*Figura 8: Juliana aponta com o pé esquerdo o local onde ainda se pode ver um pedaço do antigo piso vermelho da escola. Ao lado de Juliana está Guina atual morador do local.*

**Romário.** Era dois cômodos aqui não era?

**Juliana.** Era duas salas, uma sala de aula e a casa do professor.

**Romário.** Que eu me lembro que eu comecei a estudar na sala de cá, desse lado aqui.

**Edimarcos.** Na verdade começou com a sala de lá e depois abriu uma de cá.

**Romário.** Então eu sou desta época de cá então, porque eu lembro da época que começou duas já, foi nessa época que eu cheguei.

**Juliana.** Nessa época é! [risos].

**Romário.** Nós sentava lá, Maria Mianga pegava aquela varinha lá e se olhasse pra traz: “óh..., olha pra frente!”, era rígido o negócio lá, ela tinha uma varinha assim, um cipozinho.

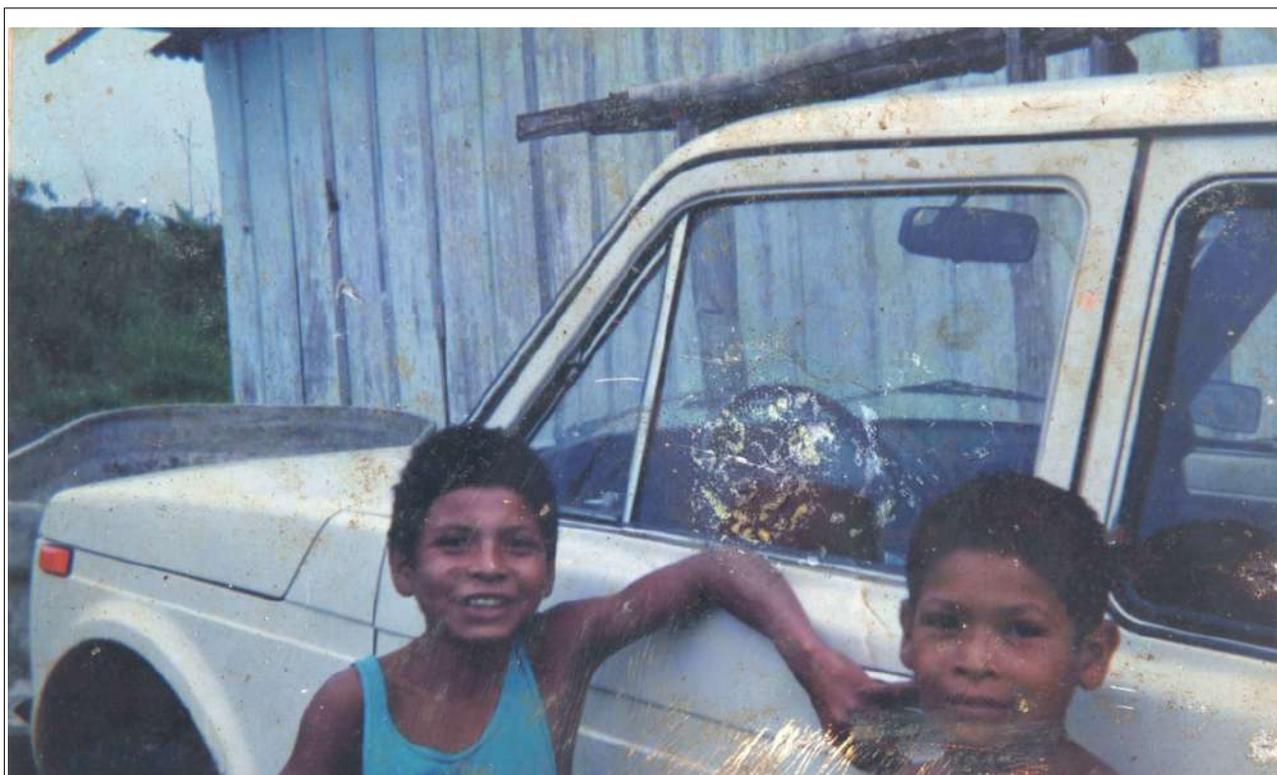
**Renato.** Eu me lembro que tinha um pé de negócio aqui, aí era a vez de nós cantarmos né...

**Romário.** Maria Mianga pegava o violão dela e começava a tocar com aquela vozona dela: “como pode um peixe vivo viver fora da água fria...”. Foi nessa época aí que nós andávamos um bocado né, levava o violão...

**Juliana.** Ela ia pra mata né com os alunos dela lá, buscar coco...

**Romário.** Ela também foi uma das professoras que incentivou bastante a língua patxôhã na época né, ela trazia, colhia as palavras com os pessoal que sabia e trazia para os alunos dela. Ela era de São Paulo, mas ela incentivou bastante neste lado da língua do patxôhã.

**Juliana.** Parece até a irmã dele olha os cabelos! [risos].



*Figura 9: Caboco e seu irmão Tico, ao fundo vista parcial da escola de tábuas. Acervo de Seu Luiz Pesca*

**Romário.** Ela trazia outro, ela trazia essa parte em patxôhã, essa parte de *mianga, é, caiambá, jokana, kijeme, mangute, cuiúna, ela ensinava...*

**Juliana.** É que ela trabalhou em Coroa Vermelha né, com os professores lá, e de lá, como estava faltando professor [aqui], aí Adailton, que vem sempre aqui né, daí conversou com pai e conseguiu esta professora pra cá.

**Álamo.** E ela aprendeu patxôhã lá em Coroa Vermelha?

**Juliana.** É, ela trouxe, ela já veio de lá pra cá com essas palavras, aí casou com um índio, um índio pataxó, morou lá no fundo lá também, depois o índio não quis mais casar com ela, daí ela se apaixonou por um de Barra Velha, do Pará?, não sei.

**Romário.** Ela, na realidade, ela foi professora que, ela pegou aula da Cassiana, aqui, Campo do Boi, não sei se Meio da Mata, Pará né?, Ela atravessou esse meio aí...

**Juliana.** Depois foi pra Jaqueira.

**Romário.** Ela chegou até a lecionar nesta escola do prédio aí [referência ao prédio da escola atual] ela deu umas aulas aí, que eu estava na quinta série?, não, na quarta série, e a turma de Renato estava na quinta série, daí ela falou assim, como eu vim pra cá e tinha um pouquinho de conhecimento a mais dentro da minha turma né, que era multisseriado, terceira e quarta série, ela falou assim: “ôh Romário, você não pode ficar aqui na terceira série, tem que ficar junto daquele lado, da quinta série”. Daí eu falei: “calma, deixa eu na minha vez mesmo, quando chegar na minha vez eu vou pra lá...”.



Figura 10: Local onde funcionou a escola de tábuas a partir de 1989. Registrado no dia da oficina.

**Renato.** Eu estudei aqui em 1994.

**Juliana.** Então eles estão falando de 1994 pra cá né, então de 1994 pra lá aí veio Gavião, que ensinou Raimundo na capoeira né Raimundo, veio Adenilton, Nagô. Daí em 1996 já foi eu e Maria da Silva, em 1997 foi eu, Jovino e Maria da Silva.

**Edimarcos.** Nagô foi antes de 1990, quando Nildes saiu daí ele entrou.

**Juliana.** Sei, na época de Nagô eu não estava aqui, na época de Nagô, de Adenilton eu não estava aqui não, de Gavião eu não estava aqui também não, eu estava em Coroa Vermelha. Daí em 1993 eu já acompanhei pra cá.

**Edimarcos.** Nós temos até uma matrícula de 1992, 1993, não lembro agora, uma ata, que foi até Gildete não foi Juliana?

**Juliana.** Foi Parracho que mandou ela pra cá, mas Parracho, por causa de questão política, ela não continuou.

**Edimarcos.** É, ela não continuou, mas a gente tem este documento na escola, porque ela fez a matrícula, porém ela não deu sequência às aulas. Tem a Lucinha também que passou por aqui, não foi?

**Juliana.** Foi, eu estudei também, Lucinha foi da época de 1990...

**Álamo.** E a turma era multisseriada aqui?

**Juliana.** É, a turma foi multisseriada aqui até 1998.

**Álamo.** E ela deixa de ser multisseriada quando ela vai pra lá [refere-se à terceira escola ao lado da casa de seu Patxyó.

**Juliana.** Não, aí daqui ela volta pra igreja, volta pra outra sala da comunidade que a comunidade construiu ali e que caiu e tem uma também da prefeitura. Daí pra cá foi multisseriado só de quinta ao sexto, ao sétimo e de oitavo ano. E aí foi tudo seriado.

**Joseane.** O Programa do fluxos.

**Renato.** Porque quando era da minha época de quinta série já era já normal.

**Jovino.** É era regular.

**Romário.** Mas isso já foi em dois mil, em 2002 que eu me lembro que nós estudávamos no Monte e depois nós voltamos pra cá.

**Jovino e Edimarcos.** Não, bem antes, de 1997 já era regular.

**Jovino.** Em 1997, 1996 já era regular, eu trabalhava com a primeira série e já era regular.

**Renato.** Pois é, porque era até uma época que nós estudávamos juntos entendeu [referindo-se à Romário], era isso mesmo.

**Alexandre.** E era até que ano aqui?

**Jovino e Juliana.** Era até a quarta série.

**Jovino.** Depois que veio o Fluxos né.

**Alexandre.** Daí já tinha passado da Funai para o Mec já?

**Jovino.** Já.

**Renato.** E a quarta série nós estudamos naquela escolinha lá de baixo lá, na de barro, a quarta série. E depois desceu pra outra que [nós] foi fazer a quinta série naquela lá de baixo, aquela que foi construída pela prefeitura.

**Jovino.** Vamos descendo então gente?

**Romário.** Daí depois nós vamos descer pro campo ali na faculdadezinha.

**Romário.** Vou pegar um pedaço do piso aqui, um pedaço do piso vermelho né.

**Ronaldo.** Lá ó, ali deve ter né um pedaço do piso vermelho ali em cima ali.

**Romário.** Daí a escola foi chegando tudo pra assim...

**Alexandre.** Esse caminho [o qual percorríamos...] veio com a escola só?

**Romário.** É, pra escola chegava até isso daqui [até próximo ao local da escola de tábuas] né, daqui pra cá era tudo fechado era só uma estradinha fechada assim, que a pessoa ia lá pra cima, pra mata, outros ia pra lá pra cima. Meu tio fez uma casa ali em cima lá, seu Zebedeu, aí depois, com a escola lá de cima daí já fez esta estrada, fez esta que está aqui para ser o caminho da escola e depois abriu por lá também, foi uma história... Daí naquele momento que estava falando que a escola traz a população pro meio junto, eu acho que traz mesmo, porque demonstrou ali, nessa escola ali de cima, a nova, olha o tanto de gente que foi pra lá, quem dizia que o pessoal ia fazer casa lá pra cima? E aqui também é pra falar também que a antiga, a igreja pequena que tinha qui, nós chegamos a estudar nela, nós tínhamos aula na igreja e depois que a escola não tinha muito espaço né, quando tinha crescido a [comunidade] daí nós vínhamos pra cá.



*Figura 11: Pedaço do piso vermelho da escola de tábuas, registrado no dia da oficina*



### 1.3 NA TERCEIRA ESCOLA

*A faculdade, construída pela comunidade ao lado da casa de seu Patxyó em 1996*

**Romário.** Eu já estudei com Juliana, com Jovino, Marconis, Cristiane, Maria da Silva...

**Álamo.** Então, a outra escola cai e vocês levantam esta daqui?

**Juliana.** É, a gente teve um curso lá em Barra Velha e quando retornou já estava tudo pronto! Aqui era duas salas, uma cozinha e uma secretaria né.

**Ronaldo.** E o banheiro.

**Álamo.** E vocês já estavam dando aula?

**Juliana.** Já.

**Álamo.** Quem foi da turma de Juliana?

**Dione.** Eu já cheguei a estudar com Juliana aqui dentro.

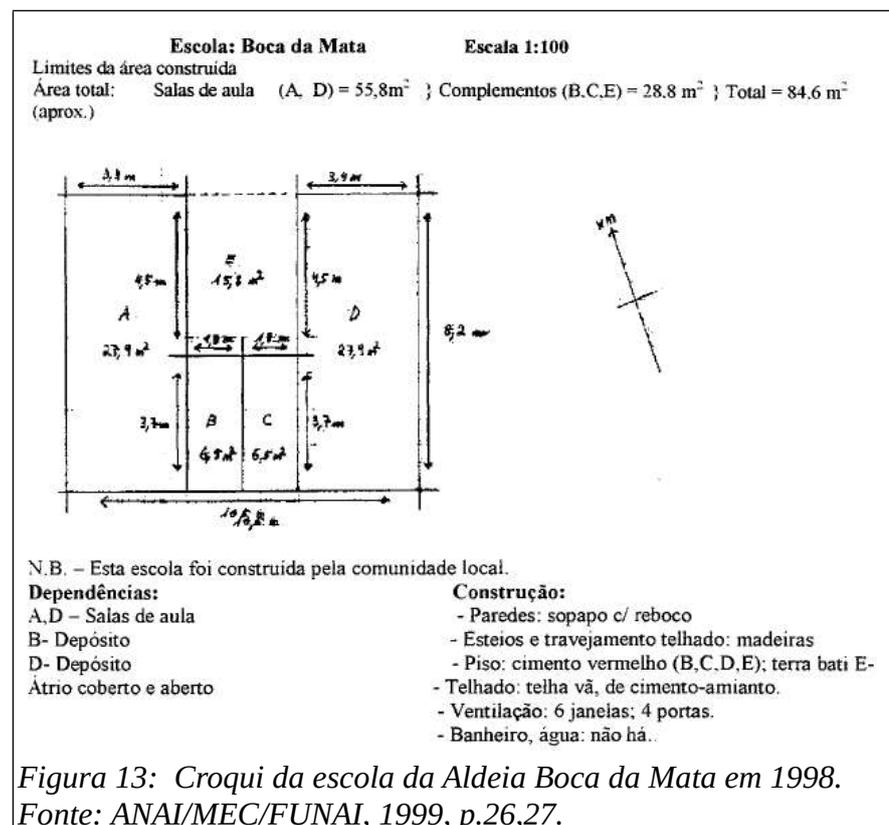
**Ronaldo.** Estudei com Juliana, Jovino, Marconis...

**Alexandre.** Ela tinha uma varinha na mão também?

**Dione.** Ela era uma autoridade na sala! [risos].



*Figura 12: A fundo a escola construída pela comunidade em 1996. Comunidade reunida em dia de festa para a entrega de ramo na Aldeia Boca da Mata. Acervo seu Luiz Pesca.*



*Figura 13: Croqui da escola da Aldeia Boca da Mata em 1998. Fonte: ANAI/MEC/FUNAI, 1999, p.26,27.*

teve uma época antes de eu ir pro Monte né, acho que 1998 alguma coisa assim, até aquela Dinair, que tinha substituído alguém, cheguei a ver ela passar aula pra gente ainda.

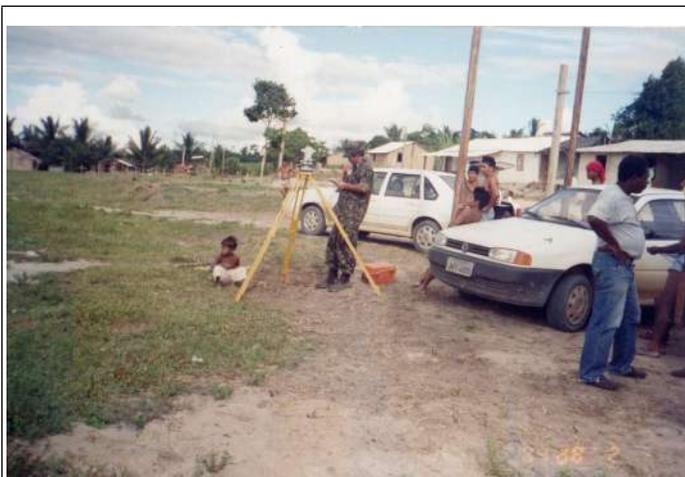
**Juliana.** Dinair? Não, naquela época ela tava com o marido dela não é, aí ela tinha que fazer alguma coisa aqui dentro da aldeia.

**Romário.** Eu sei que eu vi ela dando aula lá, não sei se foi só uma aula ou mais de uma aula, e aí passou um monte de professor. Eu não entendia nada disso mesmo, tanto professor entrava, um saia outro, e eu não estava nem aí se era um professor só que comandava a sala de aula, na época mesmo que começou aqui eu nem estudei tanto aqui nessa escola aqui, estudei mais na igreja naquela época né, que era alfabetização do primeiro ano.

**Alexandre.** Quando construiu esta escola aqui este campo já tinha aqui?

**Juliana.** Já.

**Jovino.** Rolou até uma proposta de aquela escola ali em cima [a escola atual], ela ser construída aqui né, mas aí acabou que preferiram lá...



*Figura 15: Medição no campo para a construção da escola atual. Ao fundo, da direita para a esquerda: a escola e a casa de seu Patxyó ao lado.*

**Renato.** Ia ser no gramado aqui, mas como o gramado era uma área de lazer, também daí...

**Álamo.** Essas casa que existem aqui em volta não existiam? Era só escola aqui?

**Dione.** Era só escola, daí a Funai deu uma televisão pro pessoal assistir...



*Figura 14: Registro no dia da oficina: à direita seu Patxyó sobre a cerca de seu quintal e à sua direita um dos cômodos ainda de pé da antiga escola.*

**Renato.** Aí nós parava na quarta feira pra assistir jogo da seleção, ela tinha uma placa solar, não tinha energia.

**Alexandre.** E usavam ela pra dar aula também? Passar vídeos?

**Renato.** Não, só pra assistir jogo, novela...

**Álamo.** E a comunidade assistia? Vinha pra cá pra assistir novela, televisão?

**Ronaldo.** Era tipo o cinema.

**Alexandre.** Em que ano mais ou menos?

**Renato.** Isso aí eu acho que foi em 2002 por aí.

**Romário.** Foi mais pra lá, não, foi em 2002 não, foi em 1998.

**Jovino.** Foi em 1996, 1997 pra cá, foi da época da escola de tábuas.

**Álamo.** Já tinha televisão lá? O povo já ia assistir a novela?

**Renato.** Depois de lá ela veio pra cá, já tinha a placa solar lá.

**Álamo.** E desde que passou a ter televisão era só na escola que tinha televisão? A comunidade ia para a escola pra ver televisão?

**Juliana.** Sábado e domingo daí enchia, a comunidade vinha todinha pra escola, aí ligava a televisão o dia todo, sábado e domingo assistindo, saia um grupo entreva outro.

**Renato.** Oxê, eu cansava de assistir filme de... daqueles... como é que é? Nem lembro mais... uns filmes de bicho, sei lá, até hoje eu sinto saudades daqueles filmes... Era das águias, não sei o que era, de uns bichos assim no mar...

**Romário.** Só que eu ajudei a embarrear esta escola aqui também na época!

**Álamo.** Você trabalhou no mutirão da escola?

**Romário.** O pessoal estava embarreando aí daí eu peguei um bolo de barro e joguei aí.

**Álamo.** Só um bolinho de barro?



*Figura 16: Quintal de seu Patxyó, local onde funcionou a terceira escola da comunidade, ao fundo uma das salas ainda de pé. Registro no dia da oficina.*



*Figura 17: Vista frontal da única sala que restou da antiga escola. (Sala "A" conforme figura 14)*

**Juliana.** Romário só aparecia na hora que a comida já estava pronta.

**Romário.** Na hora do batalhão e do rela eu chegava.

**Álamo.** Vamos? E agora?



#### 1.4 NA QUARTA ESCOLA

*A escola lá debaixo, construída pelo município em 1998*

**Álamo.** Esta escola foi construída em 2000 e, ?

**Juliana.** Em 1998, é, tem 21 anos.

**Álamo.** Aquela lá funcionou só dois anos, foi isso? Ali, perto da casa de Patxyó?

**Kaleby.** Não, eu acho que a de lá funcionava e a daqui também funcionava.

**Jovino.** É que o número de alunos cresceu e aí acabou distribuindo nas duas.

**Juliana.** Era de manhã, à tarde e de noite.

**Álamo.** Mas essa veio depois daquela na ordem de construção?

**Juliana.** Foi.

**Jovino.** Isso.

**Álamo.** Era uma espécie de extensão, essa daqui?

**Juliana.** É, porque lá era duas salas de manhã, de tarde e de noite, aí vinha o pessoal dos alunos maiores né, que tinham que estudar de noite também e mais duas turmas, era quatro turmas à noite, daí por isso que veio o pedido desta daqui, e lá tinha também a questão do horário lá, como é que fala?...

**Jovino.** Do rodízio...

**Juliana.** É rodízio, que por causa deste rodízio a gente criou esta daqui também, então teve várias demandas.

**Álamo.** Como é que funcionava o rodízio?

**Juliana.** O rodízio era uma turma que entrava sete da manhã, saía onze, entrava outra turma onze e saía três parece, é isso Jovino?

**Jovino.** Saia duas e meia.

**Juliana.** Depois entrava outra duas e meia e saía às cinco da tarde.

**Álamo.** A seriação começa dali? Então as escolas anteriores que a gente viu, todas eram multisseriadas? A seriação começa quando chega aqui?

**Juliana e Jovino.** Isso, quando chega aqui.

**Juliana.** Daí aqui já veio a turma do Ensino Médio né.

**Jovino.** Do Fundamental II, daí veio de novo o projeto do fluxos, funcionou aqui.

**Dione.** Quando eu fiz a alfabetização lá na escola de Nair, lá em baixo, aí quando eu passei para a primeira série, aí minha mãe pôs eu aqui, para eu estudar aqui por que a primeira série...

**Jovino.** Era regular né...

**Dione.** Comecei a estudar aqui a primeira série depois concluí lá na escola lá.

**Álamo.** E a criação do rodízio foi uma iniciativa da escola ou da secretaria?

**Juliana.** Da escola.

**Álamo.** Era a forma de dar conta para ter professor para a série adequada, e tal?

**Juliana.** Para atender as demandas da comunidade, que ia cada vez mais, que nascia mais de 20 meninos por ano, as primeiras turmas do pré I era 25 alunos, aí vinha a primeira série de quase trinta alunos, segunda série de quase quarenta alunos, a gente dividia as turmas. Agora hoje que os meninos não querem mais produzir, uma turma de pré II no ano passado, uma turma com doze alunos!

**Álamo.** Doze! Caiu pela metade.

**Juliana.** Desse ano já aumentou, foi vinte e sete alunos, vinte e oito né, do pré I.

**Álamo.** Será que é o celular que fez isso ou não?

**Juliana.** Deve ser o celular porque...

**Jovino.** Deve ser o celular porque o pessoal está muito envolvido com o celular. [risos]

**Álamo.** Não querem sair do *facebook* mais.

**Dione.** Tem o posto de saúde que veio pra cá.

**Romário.** Veio o ciclo vinte e um, veio injeção, veio...

**Dione.** É só tirar isso, aí a produção começa de novo.

**Romário.** Daí volta ao normal de novo.

**Juliana.** Daí as mulheres de hoje tá esperta, já vai lá no posto de saúde e faz o atendimento.

**Ronaldo.** Tá espertas!



*Figura18: Frente da escola construída pelo município em 1998. Registro no dia da oficina.*

**Juliana.** Foi mesmo, depois que o médico chegou, a equipe médica começou a atender aqui dentro aí...

**Álamo.** Qual é a escola que é marcada pela presença do maior número de professores indígenas? É a de lá de cima?

**Juliana.** A de tábuá, [...] aquela de tábuá ali já tinha, já alavancou dela e de 1996 pra cá eu e Maria da Silva. Aí delas pra cá aí foi entrando.

**Álamo.** Vocês são as duas primeiras professoras da comunidade?

**Juliana.** É, nós duas.

**Jovino.** Daí de 1996 pra cá....

**Álamo.** Maria é aquela que tem aquela casa lá de cima que a gente viu?

**Jovino.** É, daquela casa que nós fomos.

**Álamo.** Do professor João Duro, é isso?

**Jovino.** É.

**Juliana.** Aí, da gente vem Dalva, depois veio Edi né, Marconis, depois veio Raimundo, daí depois veio a necessidade do professor de patxôhã entrou Romário, assim que saiu do Ensino Médio entrou e aí...

**Jovino.** E aí seguiu, não parou mais né.

**Alexandre.** O último professor da Funai foi Maria Mianga?

**Jovino.** Não, Maria Mianga não, foi Irene né, Maria Mianga já foi pelo município já.

**Alexandre.** Mas dos últimos professores não indígenas?

**Jovino.** Então dos últimos não indígena foi, teve outros professores sim que trabalharam as séries iniciais, foi Maria Mianga, foi Maria Mianga mesmo, e teve outros professores também que trabalhavam o fundamental I né, que é a esposa de Ronaldo, a irmã de Ronaldo trabalhou aqui também nas séries iniciais e o Fundamental II também.

**Romário.** Isso de estudar patxôhã em Boca da Mata foi lá na escola de cima lá, teve Patxyó que começou lá, depois Edi passou por lá, mas de estudar patxôhã mesmo já foi lá no Ensino Médio com Juari e depois Ademário. Mas aí os patxôhã começou em Boca da Mata mesmo foi Patxyó e Peba né, na época, aí depois de Peba que eu entrei. Já no Fundamental I na época né, não sei nem se era até o Fundamental I ou Fundamental II, acho que Peba foi no Fundamental I e Patxyó no Fundamental II né. Daí eu trabalhei três anos no Fundamental I, ainda não tinha o médio né, aí no fundamental II eu estou a seis anos já.

**Alexandre.** E esse crescimento da aldeia que vocês falaram, das crianças, era só de reprodução ou era de migração, o movimento de retomada do Monte... teve alguma acontecimento que veio mais famílias, que cresceu?

**Jovino.** Não, não, assim, na retomada do Monte né acabou saindo algumas famílias pra lá, na verdade deu uma diminuída, porque teve algumas famílias que saíram daqui para ir pra lá, a família de Braga mesmo, que morava perto do Tupiniquins, daí teve outras famílias, família de Edivaldo que morava aqui, foi lá pro Monte também daí que acabou.

**Juliana.** Família de Senhorinha...

**Álamo.** Uma dúvida que me surgiu aqui agora, o primeiro professor a trazer conteúdo das tradições indígenas foi o João Duro?

**Juliana.** Huhum

**Álamo.** Foi ele, o primeiro. Com as outras professoras Irene, Angélica vocês aprendiam o conteúdo normal da escola?

**Juliana.** É, aí depois veio só Maria Mianga.

**Álamo.** Maria Mianga que é... ela é Pataxó também? Não! Ela é a paulista que morou em Coroa Vermelha e que veio pra cá é isso?

**Juliana.** Foi...

**Álamo.** E a influência de Coroa Vermelha faz com que ela traga o conteúdo da tradição de vocês? É isso né?

**Juliana.** A gente já tinha só que porém não era tão forte, porque depois de João Duro, que ele parou de dar aula, aí veio Maria Mianga não foi Jovino? Que fortaleceu esta questão, até então nós não tinha noção que deveria ter um professor específico da área. A gente trabalhava no interdisciplinar né, aí trabalhava as músicas, trabalhava o português na interpretação, cantava...

**Álamo.** E dessas escolas, essa e aquela ali de tábuas, a de tábuas foi construída pela Funai né, não teve mutirão né? São as duas que não são construídas pela comunidade, quer dizer as três né porque... vocês não tinham fotografias disto nem nada?

**Jovino.** Não, não tinha isso não.

**Juliana.** Não tinha nem estrada não tinha.

**Jovino.** As fotos naquela época só ia naqueles binoclinhos que tinham um fundinho assim...

**Álamo.** E essa escola funciona ainda hoje, nesse prédio?

**Jovino.** Funciona, a Educação Infantil.

**Juliana.** Funciona só que é a Educação Infantil: pré I, pré II.

**Álamo.** Nunca deixou de funcionar?

**Jovino.** Não.

**Juliana.** E aí funcionava aqui a educação inclusiva, e agora, a inclusiva foi pra lá e aqui funciona o [programa] Mais Educação.

**Álamo.** Vamos subir, pra gente continuar nossa conversa?

**Jovino.** Vamos gente, subir agora!

## 2.5 NA QUINTA ESCOLA

*A escola lá de cima, a escola grande, construída pelo estado em parceria com o Governo Federal em 2002 e o anexo construído pela comunidade em 2014*

**Álamo.** Oi pessoal, vamos lá? Qual a história desta escola aqui, ela é de 2002?

**Edimarcos.** Em 2002, essa escola ela assim, de acordo com a necessidade de que a comunidade foi crescendo né, algumas lideranças sempre viajando pra Brasília, porque assim, na verdade se você sentar com qualquer liderança mais velha hoje, e com os mais novos também, se você perguntar pra eles o que eles querem deixar de legado para a comunidade eles vão falar que é o território demarcado e uma educação de qualidade né, e aí partindo deste pressuposto aí, como nós já...é observe que a

Boca da Mata ela inicia aí a partir de 1979, pelos relatos dos mais velhos, e em 1981 já constrói uma escola pela própria comunidade, ou seja, então o povo indígena ele sempre teve essa preocupação de realmente zelar pelo aprendizado das comunidades. Isso acontece por volta dos anos 1970 quando há os primeiros movimento indígena né do Brasil, e a preocupação em si realmente de início era pela demarcação de território, tendo em vista que o pessoal sempre ocupou esta costa aqui que chama aí de Costa do Descobrimento, que na verdade eu vejo isso como Costa da Invasão né, e esta costa aí do extermínio, do exterminicídio mesmo, e Boca da Mata começou a partir disso, em 1981 com a primeira escola, depois em 1989 a construção de uma outra escola que foi a Funai, aquela que nós estivemos aqui, a escola de tábuas, em 1995, 1996 não? foi isso a outra que construiu também.

**Juliana.** Em 1996.



Figura 19: Escola Indígena de Boca da Mata, visão externa. Registro realizado no dia da oficina.

**Edimarcos.** Construíram aquela outra lá porque assim, essa outra escola de tábuas ali aconteceu uma situação com ela, deu um grande vendaval aqui na comunidade, aí o temporal de chuva acabou quebrando a escola, arrancou o telhado e destruiu paredes, então houve a necessidade de construir aquela escola lá em baixo o mais rápido possível, então aquela escola ali a comunidade construiu ela em uma semana, não foi isso? Em uma semana construiu toda a escola, os homens foram pra mata tirar madeira, as mulheres ficaram fazendo a alimentação então assim, eu lembro aí deste processo, dessa construção daquele escola ali. Eu sei que três dias aquela escola estava pronta, e no quinto dia houve o embarreio da escola, e acho que com umas duas semanas depois que o barro secou, os alunos já estavam lá estudando naquela escola entendeu, começaram a estudar já, foi muito rápido este processo aí.

Em 1998 a prefeitura também, com as devidas cobranças, construiu aquela outra escola lá

debaixo, e com as cobranças mais ainda, essa aqui que é uma escola construída pelo estado, em parceria com o governo federal, em 2002, em 2001, meu avô que hoje é o pajé, o Alfredo também, que é o cacique atual, e Zezito eles estavam em Brasília e eles estavam em uma reunião no Mec, e o Mec falou que tinha três escolas para ser construídas, seria uma escola modelo para as comunidades indígenas, então naquele momento eles pediram para que fosse construído uma escola aqui na região e como estava uma comitiva do extremo sul da Bahia lá em Brasília, na reunião com o Mec na época, foram destinadas estas três escolas aqui, duas pro Território Barra Velha e uma pro Território Caramuru-Paraguassú lá em Pau Brasil. Foi feita uma aqui em Boca da Mata, uma em Barra Velha e outra em Caramuru com o mesmo modelo porém, atendia... cada escola ela foi construída com o formato de atender a quantidade de alunos que tinha. Boca da Mata inicialmente pensou em quatro salas porque atendia a necessidade da escola, Barra Velha foi construída com seis salas e Caramuru com oito



*Figura 20: Escola atual em construção 2002. Fotografia acervo de Saiara.*

salas, porque já tinha uma quantidade de alunos maior. E essa obra ela deu início por volta de abril mais ou menos de abril até maio, junho alguma coisa assim, eu sei que ela foi contemplada no segundo semestre já do ano 2002. Eu estudava naquela escolinha ali embaixo, perto da casa de Patxyó, nós estudávamos ali com o projeto Fluxos na época, isso em 1990..., 1990 não, 2002.

**Juliana.** 1998, 1999.

**Edimarcos.** Em 2002 nós estávamos concluindo o curso. A energia lá era um pouco precária mas estava com esse prédio aqui já concluído, então na época a coordenadora então Dalva, ela falou: “vamos ocupar o espaço desta escola aqui”, que até então se falava que ia ter uma inauguração do prédio que nunca houve, então a inauguração foi a vinda dos alunos aqui pra dentro mesmo, em 2002, a partir de setembro, de outubro mais ou menos nessa época, nessa data, nós finalizamos aqui o projeto do Fluxos com as duas turmas de ginásio das séries finais, e no ano seguinte em 2003 as matrículas foram feitas, os alunos já começaram a estudar e como Juliana falou que nós fez o rodízio, esse rodízio era pra poder contemplar todas as turmas, que nós tinha muitas turmas, já tinha mais de quinze turmas de alunos até então, e com a quantidade de salas já era o suficiente pra atender a demanda porque nós passamos então a ter oito salas de aulas, tinha quatro aqui, duas lá embaixo, da que nós viemos agora, e duas ali perto de Patxyó. Então a partir daí, a partir de 2002, 2003, que teve o Ensino Médio também pros alunos que foram para aqui em 2002, é o oitavo, o nono ano? O nono ano que era a oitava série na época né implantou uma turma de primeiro ano de Ensino Médio em Boca da Mata, só que assim, foi com a vontade realmente da comunidade que teve Ensino

Médio na comunidade porém, ele não teve nenhum acordo, a secretaria ela não aceitou na época que esse Ensino Médio fosse regularizado, é tanto que estudou um ano sem valer pra nada né.

**Juliana.** Foi um ano pra garantir né, os anos seguintes...

**Edimarcos.** É, aí, após 2004, foi quando também com várias cobranças junto ao município, as lideranças cobrando todas estas demandas aí, junto ao município e o governo do estado também.

**Jovino.** Teve uma ajuda federal né Edi, teve em Brasília também.

**Edimarcos.** É, teve em Brasília também, em algumas viagens né, pedindo realmente que se implantasse o Ensino Médio nas escolas, e em 2004 iniciou a primeira turma de magistério em Barra Velha, mas o magistério regular, profissionalizante para atender a demanda de formação para as escolas indígenas, porque até então, a maior parte dos professores que ensinavam nas escolas eram professores não indígenas, então se pediu um magistério profissionalizante pra esses professores. O primeiro magistério indígena da Bahia, que terminou em 2002, ele não atendia a necessidade da quantidade de escolas e de turmas que futuramente vinham ter, então houve esse magistério em Barra Velha, concluído em 2008, e Boca da Mata começou em 2005, com o Ensino Médio regular normal, e assim se deu o início desta escola, então na verdade nunca houve assim uma inauguração formal por parte do governo do estado, nem de ninguém, mas uma inauguração com a própria retomada, com a entrada dos alunos para dentro da escola, esse é um ponto marcante, muito marcante de todo esse tempo aí. E em Boca da

Mata, o aluno, que no atual cresceu pra caramba, em 2010 nós tínhamos aqui 560 alunos, eu lembro muito bem dessa época, que eu trabalhava na área de secretaria, acabei sabendo de tudo estes números aí. E também houve a necessidade depois, assim, aí resultado: aí aquela escolinha perto de Patxyó ela foi fechada, entendeu, fechou depois porque assim, a madeira também já não tava aguentando mais né e o telhado podia desabar a qualquer momento aí a gente fechou ela, a gente ficou trabalhando só naquela escola de baixo e nessa aqui, daí trabalhava os três períodos, manhã, tarde e noite, ainda como é nos dias de hoje. Em 2015, parece, essa escolinha das salas ali, também a quantidade de alunos aumentando sempre, nós estávamos ocupando outros espaços menores, por exemplo, tipo aqui a sala de leitura, que é essa sala aqui do meio, ela teve que transformar em uma sala de aula porque ela não atendia mais as necessidades da comunidade.

**Juliana.** A sala dos professores, a sala do laboratório de informática...

**Edimarcos.** Que até então nós já tínhamos 23 turmas seriadas, da educação infantil até o terceiro ano do Ensino Médio. Então aquelas duas salas ali, as duas do outro lado de lá foi construída depois deste prédio aqui, foi a comunidade que fez, nós aqui da escola nos reunimos por necessidade de fazer mais uma sala de aula, nós fomos contemplados com um projeto Programa Para Todos. Não Para Todos não, Programa do Campo, não foi Jovino? No valor de quinze mil reais e esse valor não podia ser pra construção, podia ser construção assim, tipo ampliação, mas para concluir não poderia fazer nada disso, então, com várias idas à Porto Seguro, eu Jovino, Juliana é..., o próprio cacique também, é sentamos lá com a coordenação e levamos todas as justificativas possíveis para tentar construir uma sala, aí ele falou assim: “não, então vocês constrói uma, que é o dinheiro que tá vai dar só pra isso, no máximo pra construir uma. Aí voltamos pra aqui, conversamos com a equipe, disse: olha nós temos necessidade de construir duas salas, uma sala só vai resolver mas não vai atender a



*Figura 21: Comunidade trabalhando na construção das duas salas de aula, anexo à escola atual. Foto de 2014 disponível no facebook da escola*



*Figura 22: Comunidade trabalhando na construção das duas salas de aula, anexo à escola atual. Foto de 2014 disponível no facebook da escola*



*Figura 23: Comunidade trabalhando na construção das duas salas de aula anexo à escola atual. Foto de 2014 disponível no facebook da escola.*

necessidade, vamos construir duas? Mas aí vai precisar de todo mundo, todo mundo vai precisar ajudar a meter a mão na massa mesmo. “Vamos sim!” Construimos aquelas duas salas ali, que hoje atende a necessidade da comunidade. É, mesmo assim ainda não atende por completo né Juliana? No período do dia não, até que à noite nós temos espaço à noite, agora no decorrer do dia é, hoje nós temos vinte e uma turmas Jovino, é isso?



*Figura 24: Comunidade trabalhando na construção das duas salas de aula anexo à escola atual. Foto de 2014 disponível no facebook da escola.*

**Jovino.** É vinte e uma turmas.

**Edimarcos.** Vinte e uma turmas na escola, nós temos dezoito durante o dia e três à noite e aí dá uma carência de que tenha mais uma sala de aula construída para atender essa necessidade de uma educação, onde tem a turma que hoje é de inclusão, em torno da inclusão e esses alunos eles não tem uma sala adaptada só pra eles, pra atender a necessidade deles entendeu, as cadeiras são normal, tudo entendeu, inclusive o espaço, o espaço ainda é um espaço

inadequado para atender os meninos, porque os meninos estudam numa sala bem menor que os outros. E assim se deu esse início desta escola aqui, a partir de 2002 e a gente está nela até hoje. É, até um tempo atrás a prefeitura imaginava que esta escola eram deles, houve até uma discussão um tempo atrás, a prefeitura achava que esta escola era construção deles, que depois com a criação do território etnoeducacional foi quando dissemos de fato

ao município: “Esta escola não é de vocês não, esta escola é do estado, o estado que construiu”. Porque até então, pela questão política, os próprios políticos do município falavam que eles tinham construído uma escola padrão pra atender a necessidade da comunidade. Então assim, quando a gente foi falar acabou quebrando essa mascara aí, porque assim, foi uma escola construída pelo estado, mas o estado deixou aqui entendeu, eles nunca vieram pra cá dizer que este prédio era deles e na verdade ele pertence até hoje à

comunidade né, enfim, é uma história muito longa.

**Álamo.** Mas aí com o prédio entregue e aí a gente chega e, o meu olhar, foi a primeira coisa que eu perguntei para Alexandre quando eu cheguei na escola né, nessa escola de vocês né: e essas paredes, e esses grafismos o que querem dizer né? E a gente percebe que tem patxôhã nas paredes, a gente percebe que vocês usam o espaço externo como um espaço de exposição dos trabalhos que vocês fazem na sala de aula, e aí seu Patxyó deu uma

explicação para nós, naquele momento, que vocês começam então a imprimir a marca de vocês, a identidade de vocês nas paredes da escola né, é a forma nova que vocês tem de se

**Álamo.** De todas as escolas?

**Edimarcos.** De todas as outras entendeu, porque assim, até então as outras não tinha assim.... Não é que não tinha essa liberdade, mas com a entrada do primeiro do Ensino Médio, é foi Ademário? Foi Ademário ou Arissana?

**Jovino.** É, foi Ademário..

**Romário.** Foi Arissana...

**Renato.** Foi Ademário...



Figura 25: Grafismos e pinturas nas paredes e colunas da escola em 2019. Registrado no dia da oficina.

colocar no prédio né?

**Edimarcos.** Exatamente, é tanto que assim, foi a primeira escola a começar com esses grafismos nas paredes.

**Jovino.** Ademário foi o primeiro, Arissana veio depois.

**Edimarcos.** Um outro colega nosso também, professor patxôhã, é, ele falou: vamos dar uma cara mais bonita para esta escola, porque esta

escola era só pintada aqui com verde, a escola era verde até então né, e trouxe esta pintura nova aí, essa outra pintura nova... não, vamos conservar nossa marca, já que o prédio é nosso vamos usar nossa marca, vamos usar da melhor forma, que é até uma forma de incentivar também quem está



Figura 26: Primeiros grafismo nas paredes e colunas, 2014 (com os professores Ademário e Arissana). Fonte: facebook da escola acesso em 2020.

vindo, de trabalhar o grafismo indígena, foi quando se iniciou essa pintura aí. E essa já é uma terceira pintura, não é isso? Ademário, é Arissana e depois esta nova... é de Raimundo já né.

**Jovino.** De Patxyó.

**Álamo.** Vocês sempre vão mudando então, ainda tem isso, que legal!



*Figura 27: Grafismo nas paredes e colunas, 2018 (com seu Patxyó). Fonte: facebook da escola acesso em 2020.*



*Figura 28: Escola pintada de verde e sem grafismos nas paredes e colunas. Fevereiro de 2016. Fonte: facebook da escola acesso em 2019*

**Alexandre.** Passou por cima e fez outro né?

**Edimarcos.** E essa já é uma terceira pintura.

**Juliana.** Sempre vai renovando.

**Edimarcos.** Depois Ademário saiu, é depois veio Arissana, depois Arissana também veio mais dois anos, só que Arissana saiu o quê? Em 2015, por aí né?

**Patxyó.** No caso iniciaram com aquela pintura lá óh, ficou aquela lá naquela parede, aí os outros foram ampliando no caso né.

**Álamo.** A ideia original é de Ademário, ele que provoca vocês a pensarem em uma forma de intervir aqui né, de pintar, de botar o grafismo indígena, foi dele esta ideia?



*Figura 29: Grafismo nas colunas e paredes 2019, grupo de professoras.*

**Edimarcos.** A partir daí né.

**Álamo.** Aí depois de Arissana e de vocês, Raimundo.... Legal! Mais alguém quer falar alguma coisa? Vocês já devem estar com fome né? Cansados, nós estamos cansados já né.



## **Parte 2 - TEMAS E DEBATES SOBRE A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA EM BOCA DA MATA**

### **2.1 Educação indígena e ensino diferenciado**

Professor indígena: “(...) um ia apanhar lenha outro ia apanhar água..., então tudo na brincadeira ali, quando a gente mudou de lá, que veio pra casa de tábuas, também foi um outro processo que eu já trouxe, aprendi com ele [João Duro] e já estava ensinando da forma que ele ensinava né. E a valorização mesmo do espaço ali onde a gente convivia, os rios, do campo com os meninos, a valorização daquilo que os meninos trazia, eles falavam assim: ‘ah hoje nós não quer..., hoje vamos terminar aqui professor, e vamos jogar bola!?’ ‘Vamos?’, ‘Terminando aqui vamos lá pro rio professora?’ ‘Vamos!’. Então assim, o diálogo entre professores e alunos tem que haver, pra poder haver aprendizado né, porque se eu entrar na sala e dizer que eu sou a dona do saber e ainda quero mandar e não quero ouvir meu aluno não há aprendizagem, há tipo uma chatices ali entre ambas as partes né. Mas esse momento, que nem esse momento agora de professor pra professor, dialogar conhecer nosso espaço que nós não conhecia, eu tenho certeza que quem não participou deste momento vai ficar arrependido de não ter vindo né, mas pra mim eu acho que foi um momento muito prazeroso e assim, é um aprendizado voltar no passado né, então pra mim foi muito bom, muito riquíssimo mesmo.”

Participante UFSB: “(...) quando sai de Tibúrcio e vai pra João Duro, a gente tem uma segunda mudança muito importante, histórica né, ele, me parece, foi o primeiro professor indígena de fato que vocês têm né? E é ele quem vai criar um novo elo na formação de professores com a identificação indígena à indígena, né? Porque aí vocês tinham a escola, mas anteriormente a formação é..., da cultura de vocês, ela era feita fora da escola, no ambiente familiar de vocês a gente sabe que os anciões de vocês, os caciques e pajés daquela época, o seu Manoel Santana me parece uma figura de referência aqui nessa formação intelectual de vocês, mas a gente vai ter em João Duro o primeiro professor indígena que vai formar o primeiro elo de identificação de indígena à indígena, o depoimento de Juliana é muito importante naquele momento, porque não é uma memória só de um processo de alfabetização e conhecimento das letras ou matemática básica, é um momento de participação no processo pedagógico da escola na medida em que ela ajuda o professor a escrever, pela dificuldade física que ele tinha, e ao mesmo tempo em que ela vai aprendendo na escola sobre a cultura indígena a partir da história do próprio professor João”.

Professor indígena: “(...) na época lá de Juliana, eu lembro muito bem também desta parte da cultura que, acho que é por isso que também hoje eu estou nessa área da cultura, nessa área do Patxôhã, que na época lá, (...) meu pai fazia a tintazinha e na época do dia do índio né, que Juliana colocava, eu ia na frente dançando, eu mais Juliana e outro pessoal lá, naquela época eu que puxava a fila, desde aquela época já, e eu andava pintado e muitas horas os nossos parentes não andavam pintados e muitas horas criticavam, (...) mas eu me lembro hoje, que esse cara que teve ali, que teve a cara de ser pintado, que teve a honra de chegar aqui com o casquete mesmo e enfiava as penas aqui em um papelão ou num coco né, num negócio de coqueiro aqui em riba, mas

hoje estamos aqui, hoje todo mundo quer usar, já quer, como é que fala, numa apresentação indígena todo mundo quer estar com o seu casquetinho bonito, todo mundo quer estar com uma pinturazinha, como hoje a pintura está dentro(...), o grafismo tá aqui nesta escola né, então vamos dizer assim, pra tudo que acontecer pra chegar esse momento, teve alguém que passou, que sofreu, é... teve crítica, teve preconceito, e foi né, essas barreiras todas que foi para chegar onde está”.

Participante da UFSB: “(...)agora, nesse momento, a gente tem um processo de inovação pedagógica né, o marco da inovação pedagógica de fato se dá quando vocês começam a fazer intervenções nas paredes e nos pilares da escola, introduzindo padrões de grafismos aqui, que eu sei que são padrões diferenciados, pertencentes ao grupo étnico de vocês, certo? O uso destas pilastras, o uso externo, tira da sala de aula o espaço único de ensino intercultural, a gente tem no espaço externo também, elementos do exercício da interculturalidade e, como vocês fazem usos móveis destas colunas, eu achei isso genial,mas me parece que essa parte é uma inovação.”

Professor indígena: “(...). Eu queria só lembrar, em relação a esta pintura, você olha que tem uma pintura padronizada né, e ela é bem... parece que foi na régua, pá e pá, e tem uma pintura aqui que ela é, parece que foi jogada na parede, que é aquelas... Essas pinturas ali, essas aqui, ...aí alguém até me perguntou, quando a gente tava fazendo aquilo ali: mas porque tem uma padronizada e tem essa aqui que tá dessa forma? Eu falei vamos descobrir então porque desta história, porque isso aqui tá se relatando a história do nosso passado pelos índios maxacalis, porque foi uma das pilastras base pra nossa cultura, foi os maxacalis, então ela tá jogada aqui na parede... se vocês analisar a pintura dos maxacalis, ele não é padronizado, nem organizado, ele chega lá e faz a pintura dele lá e não está nem aí pra padrão nem nada, né, então essa pintura nossa aqui, que tá registrada aí, se você olhar nas paredes, tem pinturas bem adequadzinhas, bem no padrão, e outras não, aquela ali, essa aqui, aquela no formato daquele peixe ali, tá desorganizado e pra ele não, pra ele tá bem organizado, tá de boa né, então, pra nós tinha que conhecer este relato, porque também está registrado aqui na pilastra da nossa história.”

Professor indígena: “(...) eu gostei da aula do professor aí né, junto com o trabalho de Alexandre aí, que esse método de trabalho, que como vocês falaram é o Estudo do Meio, eu acho que muitas aulas nós trabalhamos mas não sabia identificar que o nome desta aula é “Estudo do Meio” né. Eu mesmo tem muitas aulas que eu pego meus alunos aqui, em Patxôhã, dou uma caminhada com eles procurando mato pra falar das ervas medicinais, quando não é assim, é falando dos pontos mais importantes da aldeia, é falar uma pouco da... como é que tá a situação da preservação do meio ambiente da nossa comunidade e muitas horas pego assim meus alunos e faço isso né, essa caminhada mais eles aí, falando, explicando, até mesmo na casa de algum ancião fazendo também, pedindo alguma informação a mais pelas histórias deles mesmo e não sabia, vamos dizer assim, que se fosse ser o nome desta aula seria o Estudo do Meio né, pra mim eu dava minha aula ali, então achei interessante né, a gente vai lá, é conhecer de perto onde é que foi, no caso aqui, foi focado sobre a escola né, a escola de Boca da Mata, a escola indígena”

Professor indígena: “(...)foi legal, é bom também saber que naquela época antigamente, os alunos né, o professor tinha total liberdade de chegar com o aluno e fazer, levar pra um rio, levar pra pegar uma lenha, fazer qualquer coisa, contar uma história, fazer algum tipo da aula que fosse daquele momento ali, como que hoje, tinha total liberdade, os pais aceitavam totalmente e hoje

*nós pegamos os alunos pra levar em um rio e é um monte de burocracia, é tem que ter cuidado pra não se afogar, não sei o que, o cuidado com algum animal ali, um bicho peçonhento, alguma coisa e antigamente não tinha isso, todo mundo vivia... e antigamente era mais fechado né, tinha na beirada aqui era tudo mata. E os pais aceitava normal ali e não tinha esse negócio assim de a gente ficar desta forma né, com esse tanto de medo hoje, mas mesmo assim eu gosto de trazer essa parte, como minha matéria é Patxôhã, é falar sobre a cultura, até mesmo essa semana agora né, eu tive ali na sala de aula, que eu estou trabalhando com ervas medicinais, e quando eu falo de ervas medicinais eu trabalho a crença Pataxó junto, que tem a ver também, que não é simplesmente fazer um remédio de mato, mas sim você falar da cura também através da reza né, através do... você acreditar naquilo ali, e no curso o aluno falou assim: ‘professor eu não sei o significado daquele timbero né, do cachimbo daquela forma ali que você fazia, até eu mesmo quero experimentar pra poder saber, pra eu ter aquela sensação, pra [ver] como que é’. Eu falei: ‘opa, vamos lá!’. O menino tava até com o timbero na sala, só que ele tava com um pouco de ervas, eu fui lá e falei: ‘não, o que eu uso no ritual é dessa forma, tem vários tipos de ervas né, tem a amesca, tem a aruanda, tem alecrim, tem pimenta africana, tem o beque...’. Eu vou falando o nome das outras ervas que eu utilizo lá, e aí eu trouxe pra cá né, eu fiz isso, aí eu coloquei todo mundo sentado na cerâmica lá e comecei falar pra eles a respeito do que significava aquilo e comecei a falar pra todos eles, a contar essa história, qual é a história do rapé, comecei a falar tudo isso e fiz a minha aula lá dentro, dessa forma. Foi lá que eu expliquei ainda, outro professor não tem essa autorização de chegar e fumar um cigarro aqui dentro da sala de aula, acender um cigarro dessa forma assim, hoje, na aula de hoje, mas, a aula de Patxôhã, a aula da cultura, e qualquer professor que estiver falando em relação a este assunto, pode muito bem, porque isso faz parte da nossa cultura, isso que nós temos que aprender (...) então eu olho lá pra antigamente né, na época em que os professores... nessa época de Juliana, época dos outros professores que também já passaram por aqui, e aí tem essa total liberdade pra fazer isso com nós alunos né, e os pais não tinham esse receio, não tinha restrição com a gente nem nada, e hoje, você vai fazer qualquer tipo de coisa aí, tem hora que até o próprio colega fala ‘oh, será que isso pode?’, ‘não sei o quê...’, porque está estudando lá fora e entende de outra forma né, hoje aí vai Lei..., não sei quantas coisas que tem né, pra tentar nos frear, não deixar nós tentar viver esta parte [de] mostrar, lembrar”*

Professor indígena: “(...) eu estudei logo aqui né, na comunidade de Boca da Mata, estudei lá no Tupinikins né, que era uma outra escola lá, e eu fiz os primeiros anos lá e depois, quando eu passei para a primeira série, aí eu vim pra aqui, estudar aqui nessa escola que está aqui de Boca da Mata mesmo, que foi aquela que a gente foi lá, acho que antes de subir pra aqui. Então ali também foi, pra mim, como... vivi uns momentos muito bons né, junto com os colegas, tem aqui colegas, que desde quando a gente começou a estudar, acho que a gente concluiu junto o Ensino Médio né, e a gente como estudante brincava, tinha as gincanas, a gente participava, e era assim, aulas bem produtivas né, que a gente ali todo mundo era colegas, amigos, parentes mesmo, a gente vivia mesmo esse elo de irmandade mesmo né, que hoje, às vezes, a gente não vê mais isso. E aí eu posso dizer que a escola é assim minha segunda casa né”.

Professor indígena: “(...)É, eu só tenho que agradecer ao que a gente viu hoje. Eu não estava por dentro dessa história, da onde que tinha surgido a primeira escola né, de Boca da Mata, nem a primeira, nem a segunda, eu comecei estudando lá naquela, na última lá, que a gente andou lá embaixo né, comecei ali estudando com Juliana, depois passei a estudar com Patxyó. Mas assim, é que nem eu vi na formação agora né, a gente, às vezes, a gente tem um livro prontinho pra você ali dentro da nossa aldeia e às vezes a gente não enxerga né, você pode trabalhar o ano com o conteúdo dentro da sua aldeia ali né, e você não percebe, às vezes você vai mais pelo..., achou um livro ali e você quer propor aquilo ali pro aluno, mas às vezes a gente não, por não saber das histórias, às vezes a gente passa despercebido né, mas, com essa aula de hoje acho que dá pra abrir né, um leque aí nas nossas cabeças pra a gente se pensar né, se a gente pode fazer aqui né, antes a aula era tão mais simples, mais era prazerosa de você estudar né, às vezes a gente estudava lá naquela escolinha lá debaixo, na hora que chegava o intervalo você merendava, você ia direto pro rio tomar banho né, aí era a alegria enorme que você tinha né, que tinha um prazer de ir pra escola, aprender né..., até essa semana atrás, eu levei meus alunos né, que nem lá que fala que é a etnomatemática, que a gente, é pra sair de dentro da sala de aula, ir até o rio à pé o percurso pra gente fazer várias atividades com eles né, feitos de acordo, que eu fico ali olhando e eles vai ali adquirindo alguns conhecimentos, então levei meus alunos lá pra até o rio né, pra eles dar uma olhada, aí eu perguntei se eles queriam tomar banho, aí foi maior alegria pra eles né, porque eu também vivenciei aquilo. Então queria passar um pouquinho daquilo que eu vivenciei pra eles também né, eu acho que mais ou menos, eu acho que é isso né: ter o prazer de estudar.”

## **2.2 Do ensino multisseriado ao ensino seriado e o a formação de professores na comunidade**

Professor indígena: “(...)Assim, houve a necessidade da primeira turma do magistério indígena pra fazer né, por uma necessidade realmente como Edi foi falado aí né, de formação de professores mesmo, para estar atuando nas escolas indígenas, e eu fui um dos convidados também a participar da primeira turma do magistério em 1997, junto com minha colega Juliana e a outra colega Maria da Silva e outros né (...)Em 1997 a gente entra no magistério indígena e acabei iniciando, trabalhando também com as turmas iniciais, as séries iniciais onde trabalhei quatro anos em sala de aula, foi uma experiência muito riquíssima né”.

Professor indígena: “(...)Naquele tempo a gente, como eu falei, a gente só tinha a quarta série, eu Juliana e outros a gente tava buscando outros, cursando o fundamental II e o próprio Ensino Médio e o Magistério já tinha dado início, e com isso, a gente houve a necessidade né, a gente teve outro professor aqui também que ficou um bom tempo parado né, por falta, por não ter outras séries que ele iniciasse, o professor Marconis né, eu acho que ele ficou uns três ou quatro anos parado estudando a quarta série e repetindo para não ficar parado mesmo né, ele ficava repetindo todo ano estudava a quarta série, até que realmente a gente lutou para a implantação do fluxos né, diante da secretaria de educação (...) A gente conseguiu implantar o fundamental, o fluxos né, qual a necessidade? Também com a mudança da escola pra aqui houve a necessidade de um Ensino Médio, como Edi falou, teve aluno, a gente teve aluno que.. parece até que a turma de Edi mesmo, parece, que estudou um ano sem validade né, vamos dizer assim, perdido, aí, no próximo ano, Edi já foi estudar em Barra Velha né, fazer o magistério, Edi, Marconis, Emanuel, Roni, Boloca, mais aí uns outros três, Lene, Raimundo não, aí eu sei que a outra colega, uma menina do

*professor filha de ... da professora Silmária, que mora em São Geraldo, também foi, e outra colega também ... é.. também que foi, então assim, dos nossos que hoje está aqui só quem concluiu lá o magistério foi Edi, Marconis e Lene né, os outros acabaram desistindo até mesmo também por às vezes, quando a gente sai da nossa localidade, da nossa casa pra outro lugar a gente acaba, às vezes, não tendo assim... condições né, ou uma base pra que a gente permaneça lá, às vezes, é o que a gente tem falado hoje, hoje para os nossos jovens, sair daqui para se ingressar na faculdade né, não basta ser só o vestibular, mas sim ter um apoio para a permanência destes estudantes lá né, porque se for só o vestibular só não vai adiantar, porque nossos parentes não tem condições de se manter em BH, se manter em Eunápolis, se manter em Teixeira ou em Salvador né, então assim, agora recente mesmo a gente teve na primeira turma do..., na segunda turma do UPT [Programa Universidade para Todos] , a gente teve a turma de... eu acho, de seis alunos que passou... teve umas colegas, estudantes daqui, que foram, mas a situação financeira não pôde realmente dar sequência nos estudos, acabou retornando, desistindo né, e a gente acaba se deparando com duas estudantes só lá né, na UNEB de Eunápolis, então assim, quero dizer que não é fácil pra gente”.*

Participante da UFSB: *“(..)*quando a gente chega na escola da tábua ela é um divisor de águas na estrutura curricular né, então você sai do modelo multisseriado e vem pra um modelo seriado com a oferta de todos os níveis de modalidade de ensino que a gente tem até o Ensino Médio, né. Então da escola da tábua para as outras escolas a gente já tem a mudança de configuração curricular desta escola”.

Professor indígena: *“(..)*Agradeço a todos, desde professores, todo mundo que fez parte daqui mesmo da escola, eu agradeço porque eu pude chegar né, a um lugar bem grande que é chegar até uma faculdade né, a gente como indígenas, a gente fala muito de protagonismo então a gente, eu acho que a gente sem a escola não é possível chegar né, e quanto a isso, vamos dizer assim, a escola acho que foi um, vamos dizer assim, o braço né, o corpo que me deu a oportunidade de chegar até esse lugar. E eu devo à escola, claro, devo ao meu pai, minha família, mas a escola, acho que foi fundamental”.

Professor indígena: *“(..)*assim, pra gente é muito grandioso né, prazeroso a gente estar acompanhando estas histórias, que a gente tá em sala de aula tem que estar vivenciando sempre isso né, buscando o passado, falando né, Jovino foi meu professor, Juliana né, agradeço muito também né, porque como a fala ali, é se a gente não buscar mesmo a escola a gente não tem uma faculdade né, cursei a faculdade também em Belo Horizonte, terminei o ano passado, me formei no ano passado né, na habilitação em matemática, onde eu não gostava de matemática né, passei no vestibular na área né, e é um desafio pra gente sempre estar buscando né, e quebrando essas barreiras né, que a gente possa estar levando as crianças né, pra um futuro melhor né, que é o estudo”.

### **2.3 Escassez de recursos, superação e enfrentamento na construção da Educação Escolar Indígena na comunidade**

Professor indígena: *“(..)*Fiquei parado aí uns, acho que quase uns quinze anos parado, sem estudar né, é deixa eu fazer os cálculos aqui, [...] eu parei em 1985 aí eu voltei só em 1997, são os anos que eu fiquei parado né, sem estudar. Por quê? Sem condições né, financeiras e tudo, as

*escolas caindo... que não ofereciam um livro da qualidade que o professor precisava naquele momento né, então acabei ficando parado por todo esse tempo aí, só em 1997 eu voltei e fui fazer o magistério indígena (...) A gente fazia várias caminhadas, a gente fazia o supletivo em Porto Seguro, que era para concluir da quarta à oitava série, [...] e a gente caminhava da BR até aqui andando nós três, às vezes saltava lá quatro, cinco horas da tarde na pista e soltava a canela pra dentro e chegava aqui às vezes oito, nove horas da noite aqui né, então assim, dizer que a luta da gente nesse início aí foi muito sofrido também, né, e às vezes passava fome, às vezes passava sede, mas aguentamos né...”*

Professor indígena: *“(...)também naquele momento que eu iniciei o trabalho eu realmente até pensei em desistir, porque realmente era difícil devido certos... o apoio, que a gente não tinha aqui apoio nenhum, como foi falo nos primeiros relatos aí, a gente ia buscar algum pouquinho de material em Barra Velha né, uma caixa de giz, duas caixas de giz, merenda, um pouquinho de merenda, um pouquinho de material de limpeza, então assim, tudo vinha por Barra Velha né, e realmente foi difícil porque a gente não tinha apoio nenhum, vamos dizer assim, de um técnico né, para estar nos orientando”.*

Professor indígena: *“(...)naquele tempo também a secretaria de educação realmente era difícil conseguir as coisas, porque assim, se a própria secretaria não tinha conhecimento, naquela época a gente chegou até a ter colegas, vamos dizer assim, expulsos lá de dentro da secretaria, Anari mesmo foi uma, que teve expulsa lá da secretaria né, por estar cobrando algo melhor para as escolas indígenas e ela era uma das pessoas mais assim, entendida no momento né, e realmente ela estava ali dando suporte como, vamos dizer assim, como se fosse uma coordenadora, ou talvez, um diretor né, de uma escola. Os próprios técnicos lá da secretaria expulsou ela de lá, uma mulher por nome d’Ajuda né, ela era não sei o quê... nem me lembro o que que ela era, mas ela chegou a expulsar Anari da sala dela: ‘se retire da minha sala, que eu não quero nem você aqui!’. ‘Vai, sai fora!’ Anari saiu chorando naquela época, então assim, foi uma luta gente”.*

Professor indígena: *“(...)Então assim, dizer que pra gente tudo isso também é um avanço né, realmente se a gente também não fizer um esforço né, e tentar correr atrás de nossos próprios direitos, a gente nunca vai conseguir avançar né”.*

Professor indígena: *“(...)foi muito prazeroso né, estar lembrando coisas que a gente viveu na infância da gente, dizer que na verdade a primeira escola construída pela comunidade eu também ajudei né, então eu era garoto, ajudei a carregar quando era barro, água né, ajudei... E também fui aluno da própria escola né, lá eu estudei duas séries, terceira e quarta série, ali concluí”.*

## **2.4 Escola e Território**

Professor indígena: *“(...)porque assim, na verdade se você sentar com qualquer liderança mais velha hoje, e com os mais novos também, se você perguntar pra eles o que eles querem deixar de legado para a comunidade eles vão falar que é o território demarcado e uma educação de qualidade(...)” (Memorial, p.29,30).*

Participante da UFSB: (...) O primeiro aspecto é que a escola, a escola lá no alto do Tibúrcio e a mudança dela pros outros espaços, ela redefiniu a organização socioespacial da aldeia né, ela de certa forma, o crescimento da aldeia e a complexidade que vocês tem hoje, ela é resultado deste movimento que se dá em torno da escola. Ela define o conjunto de relações de circulação social da organização de vocês, de fluxo de movimento, a gente percebeu que não era uma escola em que as pessoas iam apenas pra estudar, mas conviviam o tempo inteiro né”

Professor indígena: “(...)Eu tô até trabalhando com os meninos, a gente tá pesquisando, já trouxe uma ideia pra mente que tava no meu plano né, mas aí quando a gente [participou] daquela aula lá do encontro passado, aí eu vim pensando né, porque eu trabalho com os meninos a terceira unidade o mapa do território né, o território Barra Velha e Águas Belas, eu trabalho isso com os meninos em geografia, e aí quando eu retornei, agora na quarta unidade, eu já tô trabalhando com os meninos a história de Boca da Mata, que eu já vou estar incluindo a história da escola dentro da história de Boca da Mata nesse trabalho aí, porque a gente, primeiro nós abrangeu o território e agora nós fechou em Boca da Mata né, porque tem um pouco mais de conhecimento, aí pra mim, já vou colocar na história de Boca da Mata, no caso da escola, dentro deste texto também, porque os meninos está num processo de pesquisa ainda, que é só pra outra semana a gente vai retornar, então foi bacana pra mim né, abriu mais um espaçozinho aí, um lequezinho, mais uma pesquisa aí né...”

## **2.5 Das escolas às Universidades: fortalecer o presente com a memória do passado**

Professor indígena: “(...)Então, pra mim assim, foi bom porque a gente nunca teve um momento pra mim contar essa história, eu sempre tive essa memória, dessa educação né, lá e cá nas casas das pessoas, dos moradores e hoje quando eu vou para Cumuruxatiba ou em algumas comunidades, lá ainda é assim, é uma escola estadual, mas ainda é nas casas das pessoas né, algumas funcionam ainda nas casas, agora que estão se adaptando, a própria comunidade fazendo os seus kijemes pra funcionar salas de aula né, mas lá ainda tem comunidade que funciona igual funcionou aqui, então assim, eu fiz parte desta transformação todinha, eu acompanhei vários trabalhos, eu não sei porque né, mas eu sou igual pai, eu guardo de memória de antigas, então tem coisas que a gente grava ali na infância né, coisas boas que você fez e que você participou e isso são coisas que os meninos não conhecem, e que momento bom foi esse, porque deu pra eles conhecer, saber né, como que foi, como se deu a educação escolar indígena por completo né. Às vezes sabe uma história, que nem Romário conta a história da escola de tábua né, Romário mais Renato contou a história da escola de tábua pra cá, mas estas outras escolas pra lá eles não sabem, que bom que eles estavam no momento e aprendeu né. Às vezes, muitas pessoas não valorizam esse espaço, esse momento assim de diálogo, de conversa, de interação, que é um momento que mais a gente aprende com o outro né. E aí, com certeza essa história vão passar, vai ter momentos da aula deles que eles vão passar pra os alunos deles, pra ficar sabendo e passar também por esse percurso que a gente acabou de passar, porque isso é conhecimento e é também uma aula né, e como eu falei que tive as primeiras aulas, os primeiros ensinamentos com João Duro, ali pra mim eu era uma aluna e simplesmente, e simplesmente fazia o que ele tava

mandando, mas depois, com um tempo depois, parece que aquele momento que eu passei com ele foi um momento de aprendizagem, o melhor momento da minha vida né, de contribuir, de compartilhar... é tão bom quando a gente se ajuda a levantar o tijolo da sua casa né, a estrutura da sua casa, ainda fazer a base, daí você tem história pra você contar né, e você gravar aquilo pra você e contar pros seus filhos, para que possam valorizar cada espaço que nós tivemos na nossa comunidade né, isso é bom pra questão da educação e da valorização do jovem, para que eles possam valorizar o espaço deles e contar”.

Professor indígena: “(...) Olha como é que era, eu vou contar só um pouco da merenda né, como era a merenda, daí olha o que é que acontece, hoje, nossos alunos, hoje eles tem a merenda ali dentro daquela cantina ali, ele não precisa ter garfo, ele não precisa apanhar lenha, ele não precisa nada, praticamente, nada! Não precisa o aluno fazer nada, só apenas jogar comida pra dentro e comer [risos...] e estudar. E nós não, durante esses períodos a gente ainda conseguiu aprender algo que, às vezes, nossos alunos de hoje, ele não tem tanto interesse de aprender igual nós aprendeu e talvez não dá valor né, àquilo, e eu, o que é que acontece, nós, dona Anália que era a nossa merendeira né, a mãe dela né [de Juliana] e a vó de Edi ali, aí o que é que acontece, nós ía, apanhava lenha pra ela cozinhar essa comida, essa merenda! Nós ia apanhar lenha! Nós ia apanhar água lá num bueiro aqui embaixo aqui óh, que tinha a cacimba de dona Zuca aqui óh, nós cansou de..., quantas vezes né, nós ia com a garrafinha, com um baldinho, pra trazer a água pra poder ela fazer a merenda pra nós e nós ainda ia estudar. Você vê que na hora do intervalo, nós aproveitava essa hora do intervalo pra ir apanhar lenha, tinha vez né, que antes era uma hora de intervalo, aí em meia hora nós brincávamos e na outra nós ia buscar a lenha, [risos] entendeu, então era dessa forma. Sabe qual era a colher da gente? A colher da gente era folha de araquá, [risos] De araquá! Folha de biriba, nós ia pro mato mesmo, essa que era a colher da gente, a colher nossa!” “A bolsa era sacola de arroz [risos]. É, o arroz da cesta básica que vinha ainda, tinha uma sacolona de cinco quilos, essa era a sacola que nós carregava, a bolsa no caso né. Amarrava em riba, tipo um embornal e trazia, então, tudo isso vai vindo uma evolução né, vai vindo a evolução e até chegar hoje. Hoje o meu filho, porque rasgou um negocinho aqui na bolsa ele: “O pai, eu quero outra bolsa mais bonita que essa, porque essa aqui tá velha já”. Entendeu, quer da Hotweels, quero não sei o quê, e Batman, quer de Ben10, quer... e assim vai né”.

Professor indígena: “(...) Pois é, então nós chegou a estudar dessa forma, hoje os caras estão estudando o Ensino Médio uma aula só, tem gente que reclama que tá chegando o quê, que tá saindo nove e quarenta e cinco, o cara tá reclamando: ‘Ah tá muito tarde demais!’. Então olha só como é que são as situações né, nós passamos por uma dificuldade grande e hoje os caras tem isso tudo quase em mãos e muitas horas, que nem eu falei, a gente sabe agradecer né, eu acho que nós dá valor por quê? Porque nós passamos por isso? Eu acho que, será que, porque tá tão fácil a pessoa não sabe dar valor? Então acho que é uma forma de nós mesmos trazer e até mesmo utilizar essa aula que o professor fez aqui agora, trazer também pra campo os nossos alunos, pra tentar fazer esta história, saber a história do Jovino que foi pra ser hoje é o diretor da escola, olha o tanto de dificuldade que ele passou... é Juliana né, os outros aqui, e até mesmo nós, (...) Parar pra pensar que isso aqui é uma conquista, é uma... (...) teve gente que andou, de ir andando daqui à Brasília, vamos dizer assim né, nas histórias que fala dos indígenas, e muitas horas você tem tudo na mão aqui, você está estudando, tem a sua merenda no momento da merenda, tem um carro que pega você na porta sua e entrega aqui na escola pra você entrar de novo e entregar de volta na sua casa e a pessoa não dá valor àquilo que tem”.

Professor indígena: “(..)A aula de hoje, também pra mim foi muito, vamos dizer assim, importante, porque a gente volta né, ao passado, vamos dizer assim, recordando muitas coisas que foram vividas por aquelas pessoas né, que lutaram é, principalmente pra trazer essa educação pra gente, trazer a escola, trazer a educação, essa educação que hoje a gente fala diferenciada né, com a educação que a gente mesmo possa ter a nossa própria autonomia de passar aquela, a realidade do nosso povo né, é assim, é, por exemplo, naquela hora que Juliana tava falando lá na onde o professor João Duro né, ela se emociona naquele momento, então, isso que é o essencial, por isso que é importante você voltar no passado é..., e poder transmitir pra gente que estava ali junto, por exemplo eu, assim, é, muitas pessoas falaram sobre a construção das escolas, que foi passando, mas assim, pouca coisa né, que tinha. Tem coisa, no meu conhecimento, mas quando a gente vai mesmo ver ali, estar ali né, é no lugar né, onde foi vivido ali muitas pessoas né, acho que ali é o que se torna mais importante e faz a gente valorizar, faz a gente valorizar as pessoas que viveram que lutaram pra que hoje estivesse aqui né, falando nesse momento né, eu creio que nas falas de meu colega aqui é, (..) que, às vezes, as pessoas hoje topa com uma estrutura bonita hoje, pra gente estar estudando né, mas não sabe o quanto que as pessoas lutaram né, os nossos mais velhos, nossas lideranças mais velhas passaram dificuldades como Jovino colocou, pra que hoje a gente pudesse ter uma estrutura legal hoje, e muitas vezes não é valorizado né, e, mas acredito que na memória daqueles que puderam ter, acompanharam todo esse processo... eu assim..., eles fizeram um bom trabalho né, fizeram, fizeram com amor, vamos dizer assim, fizeram com amor é pensando no amanhã né, pro futuro”.

Estudante indígena: Então, uma vez surgiu uma oportunidade de conhecer, que tinha tido escola lá, eu sabia que o Tibúrcio morava, morou ali porque meu avô... eu já fiz um trabalho sobre a escola e ele me contou, só que eu acho que ele não me contou dessa, que tinha havido uma escola lá. Eu já fiz um trabalho sobre a escola e fiz só desta, de 2002 né, pra mim foi muito interessante descobrir que teve várias outras escolas no entorno e que a comunidade acompanhou né, esse crescimento, foi mudando, migrando ao mesmo tempo que a escola foi mudando as pessoas foram se aproximando da escola. Eu também não sabia, foi bem interessante, também eu faço faculdade lá em Belo Horizonte, então eu sempre estudo, tenho que estudar né, sobre a escola e tudo mais então também foi bem interessante né, só ampliando meus conhecimento como aqui né, sobre a escola”.

Professor indígena: “(..)Agradecer principalmente uma merendeira que, até esses tempo atrás tava falando com minha mulher, que eu tava querendo fazer uma filmagem com ela, que é dona Anália, a mãe de Juliana né, então assim, a gente pensar o quê que a gente poderia montar, uma história dela, pra apresentar pra os alunos aqui, trazer esse vídeo pra mostrar como era antes e o que é hoje né. Pra eles ver essa realidade, a gente vê que..., quem diria que a gente poderia conhecer essa história das escola ó, muitos anos atrás né, hoje a gente vê assim as pessoas contar essa realidade né, trazer esse momento pra gente, passar esse conhecimento, assim eu acho que foi de grande importância esse passeio hoje na aldeia da gente né, a gente conhecer cada pedaço da educação, da onde veio surgindo de lá pra cá, até hoje né, onde a gente já tá nessa maravilha aqui. Hoje eu sou professor também, sempre vou incentivando os alunos né, não deixar sua identidade morrer né, sempre levar ela, suspender essa bandeira e vamos que vamos...”.

Professor indígena: “(..)porque a gente tá acostumado tanto aqui, às vezes, na escola sede aqui, que às vezes a gente não para pensar onde foi né, da onde foi que surgiu tudo isso, de quem foi a ideia, quem foi os caras lá pra lutar, pra conseguir né, porque assim, a gente fica acomodado né, no local, e a gente não vê a grandiosidade da história né, de ser contado né, poderia ter alunos aqui no momento da gente pra poder estar ouvindo, porque às vezes a gente fala, e tem muitos que não se interessam de ouvir sabe, de ouvir a história de ouvir falar entendeu e assim, desde já, vou deixar o convite para Juliana, pra Jovino, pra painho, pra Edi, para que eles contem pra os alunos esse relato, relatar pra eles essa história aqui e esse passo a passo que a gente ouve da escola, da história da escola né, porque isso é, como eu fui, eu sou jovem ainda nessa parte da área da educação né, e fiquei surpresa de saber né, já ouvi falar de... pra mim era só essa escola aqui mas, eu lembro uma vez lá em casa, painho contando sobre outras escolas que teve aqui em Boca da Mata, mas não sabia né, como os outros colegas que estavam, que teve uma escola lá em cima, onde o João Duro trabalhou, lá embaixo também né, então isso tudo é bem bacana e tem né, quando a gente foi andando daqui pra lá eu fui pensando: “poxa um trabalho de TCC né”.

Professor indígena: “(..) É, eu vou falar um pouco também né, primeiro agradecer a presença dos professores aí, dos colegas também, os mais, assim, não vamos falar assim... ó porque a gente já tá no tempo de começar essa jornada aí, mas em questão quero agradecer muitos, porque também assim, um incentivo, né que eu comecei também a estudar ali a partir do colégio lá debaixo né, lá onde tem o parquinho lá, depois vim pro próximo cá, e assim, a gente vê que é uma forma de agradecimento hoje eu tô também né, eu fiz o vestibular esse ano e passei também no IFBA né, agradeço a Juliana que foi uma das primeiras professoras, a Edi, Jovino é, Raimundo, Marconis, Cristiane, e os demais né, então eu acho que a gente vê que tem o respeito e uma educação boa, porque eu acho que quando a gente vai pra frente da sala de aula, a gente vai com um objetivo né, de incentivar aqueles alunos a ter um futuro melhor pra ele, não só pra ele mas pra toda a família e assim, a gente vê que é uma dificuldade né, a gente sabe que a gente passa por cada barreira né, mas tenho a dizer - que nem a professora falava lá na formação que a gente teve também esses dias agora - a gente é muito teimoso né, o tal do índio é teimoso, então acho que a gente tem que ser esse cara teimoso, se não ele não consegue nada na vida”.

A) UM RELATO ESCRITO PELA PROFESSORA IRENE, QUE ATUOU NA ESCOLA EM BOCA DA MATA ENTRE OS ANOS DE 1984 E 1987, PELA FUNAI

“ALDEIA BOCA DA MATA”

Eu, Irene Maria de Jesus, trabalhei na Aldeia Boca da Mata, no período de 1984 a 1987, atuando em sala de aula, como professora contratada pela FUNAI de Governador Valadares-Minas Gerais.

Nesse período, não havia ainda, indígenas formados ou em formação atuando na Educação Indígena.

Motivo pelo qual a FUNAI contratava professores de fora da comunidade, com formação em magistério para atuar nas escolas indígenas.

A partir de 1990, tornou-se mais efetivo, num contexto amplo, nacional, o debate de educação indígena, com atenção a formação de indígenas, para atuarem em suas comunidades e também o funcionamentos das escolas indígenas, com a participação de Lideranças Indígenas, Instituições de apoio, Universidades e a Funai.



*Figura 1: Foto de perfil do whatsapp em fevereiro de 2021*

Em 1993, inicia-se um processo de inclusão de Comunidades indígenas no Sistema Nacional de Educação, através das Secretarias Municipais e Estaduais de Educação, orientadas pelo Ministério da Educação, passando a acessar os programas existentes nestas Instituições e propondo iniciativas que atendessem as demandas mais específicas de comunidades indígenas.

Alguns funcionários da FUNAI, dentre estes me incluo, passamos a representar a Funai local/Regional /Sul e Extremo Sul da Bahia, junto as Representações indígenas e demais Instituições, principalmente as Secretarias Municipais e Estadual, envolvidas na efetivação de uma Política de Educação Escolar indígenas desta Região, num contexto também orientado pela Funai Nacional e o Ministério da Educação.

A Comunidade indígena Boca da Mata, mantém uma atuação muito ativa, com a presença de suas Lideranças, nesse contexto, para atender a demanda de educação indígena em seu Território indígena.

Ampliaram sua atuação, resultando em um comportamento de autogestão da Educação nesse Território indígena num contexto da Gestão de Educação Municipal de Porto Seguro.

Em 2014 eu me aposentei como funcionária da Funai.



## Locais de funcionamento das escolas na Aldeia Boca da Mata

Escola 5



Escola 2



Escola 3



Igreja 1



Escola 4



Escola 1



Posto 1



Casa 1



### Legenda

-  Casa 1 - Casa do velho Pedro, primeiro local onde Joao Duro ensinou antes da construção da segunda escola
-  Escola 1 - Local onde foi construída a primeira escola de Boca da Mata
-  Escola 2 - Local onde funcionou a segunda escola de Boca da Mata, a escola de tabuas da Funai
-  Escola 3 - Local onde funcionou a terceira escola de Boca da Mata, construída pela comunidade
-  Escola 4 - Escola atual construída pelo município
-  Escola 5 - Escola atual, prédio principal
-  Igreja 1 - Local da primeira igreja, onde funcionou provisoriamente a escola até a construção da terceira escola
-  Posto 1 - Local do antigo postinho de saúde, onde Joao Duro ensinou até a construção da segunda escola





**Mapa Aldeia Boca da Mata  
2006 : Escola e arredores**

Caixa d'agua

**Escola Indigena Pataxo Boca da Mata**



Horta escolar



100 m

**Legenda**

-  Caixa d'agu
-  Escola Indigena Pataxo Boca da Mat
-  Horta escolar



# Mapa Aldeia Boca da Mata 2019: Escola e arredores



## Legenda

- ▲ Caixa d'agua
- 🏫 Escola Indigena Pataxo Boca da Mata
- 🌾 Farinheira
- 🏠 Galinheiro de
- 🏠 Galpao
- 🥬 Horta escolar
- 🏰 igreja Evangelica de Irmandade



# 1ª Turma do Magistério Indígena da Bahia – 1997 - 2003

## Curso de formação para o magistério indígena RELAÇÃO DE PROFESSORES CURSISTAS POR POVO

### **PATAXÓ HÁ HÁ HÃE**

Adeni Barbosa  
Alessandra Lima Santos  
Aluísio Costa Vieira  
Edvaldo de Jesus Santos Pataxó  
Edilson Jesus de Souza  
Erlon Santos de Souza  
Flávio Fernandes Barbosa  
Gildinai Gualberto Gomes  
Ivone Pereira dos Santos  
José Reinilton Muniz Lima  
Luciene Muniz de Andrade  
Luzineth Muniz Pataxó  
Margarida Pataxó Rocha de Oliveira  
Maria de Fátima Rocha de Oliveira  
Maria José Muniz de Andrade  
Nilton Batista de Souza  
Noemi L. M. Guimarães  
Paulo Rosa Titiar Vieira  
Raimundo de Jesus Rodrigues  
Silvanir Santos de Souza  
Wilman Rocha de Oliveira

### **TUPINAMBÁ**

Pedrisia Damasio de Oliveira

### **TUXÁ RODELAS**

Alessandra Neves Ramos  
Aldenora Vieira Almeida  
Angélica da Silva  
Antônia Cruz do Amaral  
Euânia Gomes da Silva Justino  
Genisse Cruz dos Santos Aprigio  
Lindimar Zulmira Cruz Ramos  
Maria do Socorro Cruz. Santos Araújo  
Maria. Clarice Cruz dos Santos  
Rejane Neves Gomes Santos  
Rizalva dos Santos Torre  
Rosineide Vieira Cruz

### **TUXÁ IBOTIRAMA**

Edileusa Barros de Oliveira  
Genésia M. Leôncio da Silva  
Luciniar Maria de Lima  
Valdineide Rodrigues dos Santos

### **PATAXÓ**

Aurenilson da Conceição Braz  
Adelson Conceição Oliveira  
Alzira Santana Ferreira  
Ademário Bráz Ferreira  
Anarí Braz Bonfim  
Antônio Carlos da Conceição Pinheiro  
Biraí Braz Borges  
Dalva dos Santos Santana  
Diana da Cruz Bonfim  
Dinair Pires Pereira  
Edvaldo José de Oliveira  
Edenildo Lopes Sant'ana  
Genival Conceição dos Santos  
Geane Bonfim Vieira  
Geane Vieira Bráz  
Givânia Pereira Silva  
Iraildes Sena Braz C. dos Santos  
Ideildes Santana Ferreira  
Iária da Conceição Ferreira  
Jerry Adriane S. de Jesus  
José Conceição Santana Braz  
Juliana da Conceição Santana  
Jovino de Jesus Ponçada  
Kelly Cristina F. dos Santos  
Maria das Neves C. A Santos  
Maria dos Humildes S. de Melo  
Maria da Silva Souza  
Maria Aparécida M.C. Toledo  
Maria Aparecida Alves da Conceição  
Marilene da, Conceição Ferreira  
Macari Alves Ferreira  
Nilcéia da Conceição Alves dos Santos  
Nilson Ferreira da Conceição  
Raimunda de Jesus Matos  
Rosinete Pereira Silva  
Rosinete Pereira Lima  
Sinival Ferreira da Conceição  
Siara Bráz Correa  
Sebastiana do Nascimento  
Vera Lúcia P. dos Santos  
Vidal Sena dos Santos  
Ueison Santana Braz

**KIRIRI**

Adenilza dos Santos Macedo  
América Jesuina da Cruz Batista  
Celson de Jesus Santos  
Edenice Jesus da Hora  
Ivanilde de Jesus  
José Valdo dos Santos  
Maria de Fátima S. da Silva  
Mônica de Jesus Souza  
Marlinda de Jesus Andrade  
Nailza Jesus de Oliveira  
Onalvo de Jesus Santos  
Solan e Jesus Santos

**PANKARARÉ**

Claudiane Araújo Ferreira  
Maria José Ribeiro S. da Silva

**KANTARURÉ**

Antônio Jorge Bezerra Lima  
Rejane Maria Coelho Silva

**KAIMBÉ**

Domingas T. da S. Bitencourt  
Josilene F. de Macedo  
Lucidalva Gonçalves Dias

**XUKURU-KARIRI**

Giselma Ferreira de Brito

*Paulo Rosa Titiak Pataxó HãHãHã*  
Maria Valdelice Amaral de Jesus. Cacique. Tupinambá. Olinda  
Gersonilza Amaral de Jesus - Professora Tupinambá de Olive  
Pedruvia Damascos Oliveira Professora. Tupinambá de ali  
Margarida Pataxó Rocha de Oliveira 5.48413  
José Periquito Muniz Lima Pataxó. 4.731.581  
Flávia Costa Vieira 09030061-03  
maria de fatima Rocha Pataxó  
Alexandra Lima Santos  
Lidiana Pereira dos Santos  
Simival Ferreira da Conceição  
Marta Cláudia Cruz dos Santos  
Antônia Cruz do Amaral  
Melenara Vieira Almeida  
Angélica da Silva  
Edison Jesus de Souza Pataxó HãHãHã P. Brasil  
Gilcinai Qualberto Gomes, AC Pau Brasil  
Wilson Rocha de Oliveira - Pataxó HãHãHã  
Nailza Jesus de Oliveira  
Adenilza dos Santos Macedo  
Claudiane Araújo Ferreira  
Eldineide Rodrigues dos Santos  
Eucania Gomes da Silva Justino  
Alexsandra Neves Ramos.  
Ma das Neves e. de dos Santos (Nitymouet Pataxó)  
Márcia da Conceição Aires dos Santos.  
Liana da C. Bonfim (Meyen)  
Amaral Cruz Ferreira (Kamossy Pataxó)  
Andimar de Cruz  
Anis de Socorro e. Sabino

Edenice Jesus da Hora  
Reginaldo Ramos Titiak  
Maria Luiza de Souza Santos  
Glúscia Cruz Santos Perigó  
Waltra dos Santos Santana  
Jocelyne dos Santos Cruz - Pataxó  
Celson de Jesus Santos - Kiriri  
Marta José Muniz de Andrade Pataxó HãHãHã  
Jovino de Jesus Fonseca Pataxó S. da Mata  
Solange Jesus Santos - KIRIRI  
Tereza Maria de Jesus Silva - SETOR DE EDUCAÇÃO - FUNAI. EVAROUS-BR  
Marilene da Conceição Ferreira - Pataxó Coroa Vermelha.  
Hilda Santana Ferreira - Pataxó Coroa Vermelha.  
Onalvo de Jesus Santos - Kiriri  
Arari dos Santos Pataxó Coroa Vermelha  
José Valdo de Souza - KIRIRI  
Mônica Jesus de Souza - Kiriri  
Rejane Inácia Coelho Silva  
Luzimelly Muniz Pataxó Hã - Hã - Hã  
Marta Jayara Ueta de Souza - Professora da UNEB  
Sandra Maria Cruz de Souza - COU TUXÁ (NEQUINAC)  
Bleiana Lúcia Batista - (PREC)  
Marta dos Humildes Souza de Melo (Pataxó)  
Flávia Fernandes Barbosa  
Lidia Batista Titiak (UFBA)  
Joaquim L. Souza (Antropólogo ANAI)  
Luciene Muniz Pataxó Hã, Hã, Hã  
Honete Ferreira dos Santos Pataxó Hã, Hã, Hã  
Kueimar Lúcia de Souza, Tuxá Ibot. name

## 2ª Turma do Magistério Indígena da Bahia – 2006 - 2011



## Recordações Escola Barra Velha

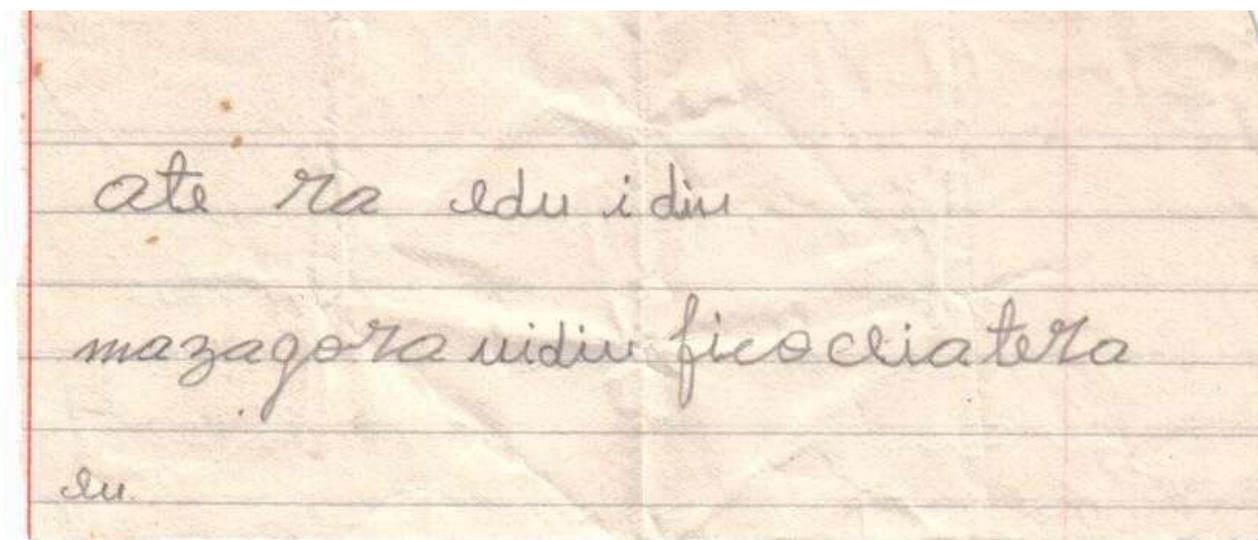


*Aldeia Barra Velha, década de 80.*



*Primeiros estudantes da Escola Indígena Pataxó de Barra Velha em 1978*

A professora Mara Vanessa Dutra que atuou na escola em Barra Velha no início dos anos 1980 relata em sua Dissertação de Mestrado que: “Em Barra Velha, em 1980, poucos adultos sabiam ler e escrever, ou eram precariamente alfabetizados. O rádio da Funai, que ficava no escritório e cujo acesso era restrito ao chefe do posto indígena, recebia mensagens que eram interpretadas por alguns porta-vozes, como o enfermeiro Zé Correia, e que geravam mais confusão e medo entre as pessoas. Todos queriam entender mais, saber mais e, por conta disso, iniciamos uma turma de alfabetização à noite, na escolinha da aldeia. Alguns alunos fizeram rápidos progressos e suas primeiras redações eram sempre sobre a questão da terra” (DUTRA, 2012).



Redação de Milton Pataxó: “A terra é do índio mas agora o índio ficou sem a terra” (DUTRA, 2012, p.38).

0  
a medição não da terra dos índios.  
não está do jeito que ele quer.  
simão de modo que não  
terminada feita com sidio. Por-  
que eles não aceita este peda-  
do de terra por que não dá pra  
eles viver a vontade só tem  
mais mesmo ~~é~~ terra branca  
mas mesmo ficou a terra toda.  
Para o IBDF mas o IBDF não  
tem precisão de ficar com a  
terra do índio Pataxó -  
mas como rezaram na cabeça  
do cacique Tururim o cacique é  
muito tolo - é muito com medo  
do IBDF ele aceita este  
pedaço de terra mas os  
índios não aceitaram.

Redação de Valdir: "A medição da terra dos índios não está do jeito que ele quer. Se não tiver do jeito que eles quer não tem nada feito com os índios porque eles não aceita este pedacim de terra porque não dá pra viver assossegado, só tem mais mesmo é terra branca, mais mesmo ficou a terra toda para o IBDF, mas o IBDF não tem precisão de ficar com a terra do índio pataxó. Mas como rezaram na cabeça do cacique Tururim, o cacique é muito tolo, é muito com medo do IBDF, ele aceitou este pedacim de terra, mas os índios não aceitaram" (DUTRA, 2012, p.38).



**Aqui você encontrará algumas histórias sobre a formação da escola indígena na Aldeia Pataxó de Boca da Mata.**

**São relatos e narrativas que pertencem a diferentes gerações de alunos, professores e funcionários indígenas que passaram por essa escola.**

**Vamos conhecer algumas lembranças sobre o cotidiano das aulas e os esforços da comunidade para garantir o funcionamento e a manutenção desses espaços.**

**Estas narrativas compõem um precioso acervo sobre as memórias da comunidade e sua luta pela Educação Escolar Indígena na Aldeia Pataxó de Boca da Mata.**

